A ARTE DE SERVIR

O CHAMADO À IMITAÇÃO DE CRISTO



APRISCO

EBERSON DINIZ CORREA

Prefácio de **Hernandes Dias Lopes**

Todo cristão, sem exceção, é chamado a ministrar. Ministério não é privilégio de um pequeno grupo, mas de todos os discípulos de Jesus. Nesta obra, meu amigo Eberson Diniz Correa reúne ensinamentos essenciais sobre este tema incontornável na vida cristã! Leitura indispensável.

DAVI LAGO
Pastor, escritor, pesquisador e capelão da Primeira Igreja Batista em São Paulo (SP)

O livro *A arte de servir* de Eberson Diniz é uma obra inspira-dora que destaca a importância do servir como princípio fundamental para a edificação da igreja. Com *insights* valiosos, ele nos mostra como a dedicação ao servir pode transformar vidas. Um verdadeiro guia para aqueles que desejam fazer a diferença por meio do chamado de Deus a todo cristão.

FLAVINHO MARQUES
Pastor Sênior na Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte (MG)

No livro *A arte de servir*, meu amigo, pastor Eberson, nos mostra com muita graça como cumprir essa ordem usando o próprio exemplo de Jesus conforme explicado por Paulo na carta aos Filipenses. Leia e seja ainda mais capacitado a melhor servir essa geração.

LUCINHO BARRETO
Pastor na Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte (MG), escritor e ministro de jovens e adolescentes há mais de trinta anos

A *arte* de servir

EBERSON DINIZ CORREA

A *arte* de servir

O chamado à imitação de Cristo



APRISCO

Copyright © 2024 por Eberson Diniz Correa

Publicado por Aprisco

Preparação Luiz Henrique Soares

Revisão Bianca Dias

Capa Marcus Nati

Diagramação Luciana Di Iorio

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998, que torna ilegal a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (PDFs, eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), ou o seu compartilhamento, mesmo sem fins lucrativos, sem prévia autorização, por escrito, da editora. Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade dos autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da editora ou de suas equipes editoriais.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C824

Correa, Eberson Diniz

A arte de servir: O chamado à imitação de Cristo — 1. ed. — Rio de Janeiro: GodBooks, 2024.

112 p.

ISBN 978-65-89198-84-0

1. Teologia. 2. Vida cristã. 3. Serviço. 4. Pregação. I. Título

CDD: 241

CDU: 242

*Categoria:*Vida cristã

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

GodBooks Editora

Fale conosco: contato@godbooks.com.br

www.godbooks.com.br

1ª edição: fevereiro de 2024

Dedico este livro aos meus queridos pastores, homens de Deus e inspiração como verdadeiros servos.

Ao Pr. Manoel Madureira, meu pastor na infância e adolescência, aquele que me batizou nas águas e que colaborou de perto em meus primeiros passos no ministério.

Ao Pr. Salvarino P. Silva, meu pastor entre os anos de 2007 e 2011, professor no seminário e o primeiro a me dar oportunidades para liderar, além de ser quem me ordenou a evangelista.

Ao Pr. André Boaventura, um grande amigo que me chamou para ser o seu Timóteo enquanto liderava o Congresso de Mocidades Evangélicas Pentecostais (COMEPE) (entre 2008 e 2016).

Ao Pr. Israel Miranda, meu pastor entre os anos de 2012 e 2021. Foi ele quem celebrou o meu casamento, apresentou os meus filhos e me ordenou ao ministério pastoral.

Ao Pr. José Clarimundo, nosso pastor presidente, com quem tenho o privilégio de aprender e servir mais de perto desde o tempo que liderei o COMEPE e a Rede Morada (entre 2016 e 2022). Foi também quem me deu a oportunidade de assumir a Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Anápolis (IEADA) do bairro Dom Pedro II, em Anápolis (GO), como pastor titular.

Por fim, gostaria ainda de fazer uma última dedicatória. Entre 2019 e 2022 tive a honra de conhecer, conviver e chamar de amigo o economista, que também era oficial da Aeronáutica, e mais tarde policial rodoviário federal, Joás Nunes Batista.

Ele foi um incentivador da produção deste livro quando comentei a respeito e, quando partiu tragicamente, no final de 2022, me fez refletir o quanto contribuiu em minha vida e de tantos com seu testemunho de servo.

Meu amigo Joás foi promovido, se encontrou com o Senhor, mas deixou como legado o seu exemplo de serviço. Familiares, amigos, irmãos de farda na Força Aérea Brasileira (FAB) e na Polícia Rodoviária Federal (PRF) podem dizer que viram de perto alguém que sabia na prática o que era a arte de servir.

Dedico também este livro a ele (*in memoriam*)!

Sumário

Prefácio
Introdução

1. Dos servos aos santos
2. Cuidando e sendo cuidado
3. Enquanto houver vida
4. Compromisso com a unidade
5. Jesus, o exemplo de servo
6. Seguindo os passos de Jesus
7. Servos imperfeitos

Considerações finais
Notas
Sobre o autor

Prefácio

Tenho a grata honra de prefaciar esta preciosa obra, da lavra do eminente ministro do evangelho, pastor Eberson Diniz Correa. Faço-o com vívido entusiasmo e, isso, pelas razões que passo a elencar:

Em primeiro lugar, porque a vida do autor referenda a sua obra. Muitos escritores compartilham seus brilhantes pensamentos, mas eles não têm conexão com a vida. Pastor Eberson é um homem de Deus, um servo do Altíssimo, um homem de vida ilibada e caráter provado. Sua vida é avalista de sua obra. Seu testemunho recomenda a sua obra.

Em segundo lugar, porque o autor traz à lume um tema assaz relevante. Num mundo que disputa primazia na passarela da fama, o pastor Eberson, na contramão dessa cultura narcisista, enaltece o serviço ao próximo. No reino de Deus, a pirâmide está invertida. O maior é o menor. O maior de todos é aquele que a muitos serve. A maturidade cristã nos leva ao próximo não para explorá-lo, mas para servi-lo e servi-lo de todo o coração.

Em terceiro lugar, porque esta obra é uma exposição das Escrituras. O que emerge do texto com eloquência não são as ideias do escritor, mas os princípios que emanam da Palavra de Deus. Ela é viva, poderosa, sempre atual e sempre oportuna. Ela restaura a alma e dá sabedoria aos símplices. Ela alegra o coração e ilumina os olhos.

Leia esta obra com a mente iluminada pelo Espírito Santo e com o coração disposto a aplicar os princípios aqui exarados. Que Deus abençoe sua vida e boa leitura!

Hernandes Dias Lopes

Pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória (ES), membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil (AELB), diretor-executivo da Luz para o Caminho, pastor colaborador da Igreja Presbiteriana de Pinheiros em São Paulo, conferencista e escritor.

Introdução

Entendendo que cada igreja plantada é uma "filha" de quem planta, até tomando emprestado o termo utilizado pelo apóstolo Paulo em 1Timóteo 1.2, podemos dizer que a igreja de Filipos teria um lugar especial no coração do velho apóstolo. Muita coisa aconteceu naquela cidade, como bem relata Lucas no capítulo 16 do livro de Atos.

Observando o relato bíblico, é importante ressaltar que Filipos foi a primeira cidade na Europa onde o evangelho foi anunciado por Paulo e seus companheiros de ministério. A cidade se situava num local estratégico, exatamente na divisa entre a Europa e a Ásia. E como eles foram parar lá? Por meio de um direcionamento claro do Espírito Santo. Vejamos a narrativa:

> E, percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu. E, tendo contornado Mísia, desceram a Trôade. À noite, sobreveio a Paulo uma visão na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: "Passa à Macedônia e ajuda-nos". Assim que teve a visão, imediatamente, procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho. Tendo, pois, navegado de Trôade, seguimos em direitura a Samotrácia, no dia seguinte, a Neápolis e dali, a Filipos, cidade da Macedônia, primeira do distrito e colônia. Nesta cidade, permanecemos alguns dias.
>
> Atos 16.6-12

Que Deus nos ajude a ter sensibilidade e perseverança necessárias para sermos conduzidos pelos caminhos que o Espírito Santo tem para nós como aqueles homens foram! Aquela decisão mudou radicalmente a história das civilizações ocidentais.[Nota 1]

Para entender esse impacto, precisamos analisar como o evangelho penetrou nessa importante colônia romana. Precisamos, portanto, observar como se estabeleceu a igreja dos Filipenses.

O nascimento da igreja de Filipos

Ainda no capítulo 16 de Atos, temos o relato de três experiências muito distintas e que foram fundamentais para a concepção da igreja dos filipenses. Foram três encontros muito singulares, e essa característica é, sem dúvida, uma marca dos encontros com Jesus, pois, mesmo havendo semelhanças, cada encontro é único.

Certamente você se lembra com exatidão de quando se encontrou com Jesus pela primeira vez. Agora, se ainda não passou por essa experiência, talvez as experiências a seguir irão te inspirar a buscar esse encontro tão especial.

O primeiro encontro com Jesus em Filipos relatado foi o de Lídia (At 16.13-15), e ocorreu de maneira muito natural, por meio da pregação da Palavra. O texto bíblico

destaca no versículo 14 que "o Senhor lhe abriu o coração para entender as coisas que Paulo dizia". Naqueles dias, a nova convertida não só recebeu de bom grado o evangelho como se batizou com toda sua casa e ainda fez questão de hospedar a caravana missionária em seu lar (At 16.15), sendo essa a primeira sede da igreja cristã na Europa.

O segundo encontro com Jesus relatado por Lucas demonstra agora uma agitação e uma complicação, dadas as circunstâncias em que ocorreram. Uma jovem adivinhadora, possessa por um espírito de adivinhação, depois de muito incomodar o apóstolo, foi liberta do espírito maligno e, consequentemente, deixara de dar lucro aos seus senhores, o que fez com que Paulo e Silas fossem açoitados e presos (At 16.16-24). Os servos de Deus foram presos pelos homens por um momento, mas aquela jovem fora liberta de uma vez por todas das mãos de Satanás.

Por fim, a terceira e última experiência relatada de encontro com Jesus durante a viagem missionária acontece dentro da prisão. O carcereiro responsável pela guarda de Paulo, Silas e todos os demais presos ali presentes, leva um grande susto depois de um terremoto que sacudiu aquela prisão. Diante daquele cenário, no qual todas as cadeias e portas foram abertas, o carcereiro toma a decisão de se suicidar, temendo o mal que lhe seria feito quando soubessem que todos os presos fugiram no seu plantão. O que acontece é que toda aquela situação serviu para abrir os olhos daquele homem e então a salvação alcançar não somente ele, mas toda sua família (At 16.26-34).

Essas três experiências impactaram muito mais do que três pessoas, mas três classes sociais, três culturas religiosas diferentes.[Nota 2] Por meio delas, vemos que Deus não faz acepção de pessoas, pois salvou homem e mulher, comerciante, cativa e funcionário público. E tudo isso colaborou para a implantação da igreja dos Filipenses.

Uma vez que entendemos ou relembramos o nascimento da igreja de Filipos, precisamos agora compreender como e de onde a carta que estudaremos foi escrita.

De onde e como a carta foi escrita

Apesar de muitos teólogos afirmarem ou concordarem que Paulo escreve a carta aos Filipenses da prisão em Roma, Russell Shedd nos dá motivos para pensar que esta poderia ter sido escrita em Éfeso, porém, também em uma perspectiva de perseguição e talvez até prisão.[Nota 3]

É claro que o local da escrita tem sua importância, mas, mais do que isso, precisamos nos ater ao conteúdo da carta. Quais os ensinamentos que ela nos traz? Qual é a ênfase do apóstolo? Que público ele queria alcançar? O Dr. Martyn Lloyd Jones afirma: "Uma epístola que pode ter sido escrita por motivos mais ou menos pessoais, tem aplicação universal".[Nota 4]

Apesar de ter sido escrita para um contexto específico, a carta pode e deve ser recebida como se escrita para hoje e para nós, os que creem.

O objetivo da carta

Paulo era muito grato à igreja de Filipos, e deixa isso bem claro do início ao fim da carta. No primeiro capítulo ele agradece a cooperação no evangelho contínua dos irmãos filipenses (1.5), e ao final da carta ele novamente ressalta o companheirismo de sempre

daqueles irmãos em seu ministério (4.14-18). Ressalta-se também o reconhecimento do apóstolo a Epafrodito no segundo capítulo, em que ele o chama de "irmão, cooperador e companheiro de lutas" (2.25).

Apesar da notoriedade dos agradecimentos, a carta não fica apenas nisso, pois o autor também instrui à igreja sobre vários assuntos. Porém, precisamos dar evidência à coroa da cristologia paulina. Nenhum outro texto escrito por Paulo vai tão fundo como os versículos 5 ao 11 do capítulo 2. Assim, se você tiver a oportunidade de ler somente um capítulo desse livro, já sabe qual capítulo escolher.

Creio que você quer absorver muito mais, então, nesse sentido, as instruções também vão muito além. O apóstolo ensina com maestria sobre alegria, serviço, unidade, fidelidade, dentre outros assuntos importantes que veremos no decorrer dos próximos capítulos.

Diferente do que vemos em outras cartas paulinas, não há uma divisão entre teoria e prática na carta aos Filipenses. Sendo assim, em todos os capítulos teremos conceitos profundos e, ao mesmo tempo, ensinamentos práticos.

No Capítulo 1 faremos uma conceituação definindo quem são os servos e quem são os que precisam ser servidos. No Capítulo 2 o desafio é demonstrar a via de mão dupla chamada cuidado, enquanto no Capítulo 3 teremos uma ideia de até quando faremos uso dessa via.

No Capítulo 4 apresentaremos um grande desafio: viver em unidade apesar das diferenças. No Capítulo 5, como já dito, temos a nossa grande inspiração, o nosso objetivo de vida: imitar Jesus. Então, no Capítulo 6, falaremos sobre como cumpriremos o propósito da imitação de Cristo; e no Capítulo 7 traremos exemplos de quem trilhou esse caminho.

Ressalto, por fim, que o objetivo deste livro não é trazer um comentário expositivo da carta aos Filipenses, mas extrair lições práticas que os dois primeiros capítulos da carta nos apresentam, principalmente no que tange ao serviço cristão.

Que nas próximas páginas você seja inspirado, não pelo autor deste livro ou pelo autor da carta aos filipenses, mas pelo Autor da vida, que soprou cada vírgula que estudaremos dessa porção bíblica, que precisa não só ser entendida com clareza, mas também aplicada, vivida e ensinada na prática.

Nota 1 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 12. [Voltar]

Nota 2 - Idem, p. 17. [Voltar]

Nota 3 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 79-82. [Voltar]

Nota 4 - JONES, Martyn LLoyd. A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses. vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 10. [Voltar]

1

Dos servos aos santos

Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos que vivem em Filipos, graça e paz a vós outros, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.
Filipenses 1.1-2

As cartas de hoje costumam ter a assinatura do remetente no final, porém, nos tempos antigos não era assim. Geralmente, o autor da carta já começava seu manuscrito com uma pequena apresentação.

Nesse sentido, é interessante a forma com que Paulo se apresenta junto de Timóteo. Ele não quis dar "carteirada" em ninguém usando o título que detinha, de apóstolo, como inclusive fez em outras cartas. Conforme bem argumenta o pastor Steven J. Lawson: "Com os filipenses, parece não haver necessidade de que ele lhes relembre sua posição destacada."[Nota 1] Dessa forma, Paulo se coloca como alguém em posição inferior, referindo-se a ele e ao seu fiel colaborador como "servos".

Sobre Timóteo, apesar de mencionado em igualdade, ele não é o coautor da carta. Alguns comentaristas, como Hendriksen, sugerem que ele atuou como escrivão, no sentido de colocar no papel o que foi ditado pelo apóstolo,[Nota 2] porém, tal afirmação não possui comprovação histórica ou bíblica.

Voltando ao título utilizado por Paulo, quando se trata de liderança, principalmente num contexto extraigreja, a palavra "servo" não é muito popular.

Na literatura moderna, por exemplo, talvez você verá abordagens de que o bom líder é aquele que vai na frente em vez de apenas ordenar, ou aquele que desce a ponto de se misturar entre os seus liderados, contudo, raramente você verá alguém dizer que o bom líder é aquele que desce a ponto de servir. Se vir algo nessa linha, suspeite seriamente que se trata de alguém que foi influenciado pelos ensinamentos de Jesus.

Vale ainda mencionar que a palavra "servo" suaviza o sentido mais profundo da palavra grega original (*doulos*), que poderia ser traduzida como "escravo". No entanto, tratando-se da perspectiva paulina, a palavra "escravo" descreveria melhor que a palavra "servo", como bem explana Lawson:

> Portanto, foi assim que ele se apresentou aos filipenses — como um líder-escravo: um escravo de Cristo que havia sido comprado por seu mestre para ser sua possessão. É claro que servir um mestre como esse — o Mestre que morreu por amor de seus "escravos" — não é nem uma restrição nem uma imposição. Trata-se de um privilégio e uma alegria, pois o grande paradoxo é que essa escravidão traz

verdadeira liberdade — liberdade do medo, da futilidade e da morte.[Nota 3]

O Dr. Russell Shedd também reforça que Jesus nos comprou e fez de nós seus escravos aqui na terra, para que cada um de nós possa servi-lo na plena extensão da vida terrena e do potencial que temos.[Nota 4]

Foi Jesus quem disse que no reino dos céus o maior é o menor, o maior é o que serve a todos (Mc 10.43-44). E ele ensinou não só na teoria, mas também na prática. Quem não se lembra do famoso episódio do lava-pés narrado no capítulo 13 do evangelho escrito por João?

Os evangelhos falam sobre os ensinamentos de Jesus quanto ao servir de uma maneira muito clara, inspirando a humanidade há dois milênios. Porém, o que se pode constatar em muitos líderes de nossos dias, dentro e fora do contexto eclesiástico, não é a falta de entendimento, mas a falta de aplicação. Não é que eles não entenderam que, sendo líderes, deveriam servir aos seus liderados, mas eles simplesmente se recusam a isso.

No dia que haveremos de prestar contas diante de Deus, não será perguntado para o líder sobre quantas pessoas ele esteve à frente, mas quantas ele serviu. Como bem disse Jesus no episódio do lava-pés: "Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também" (Jo 13.15).

Paulo tinha a firme convicção de que, mesmo sendo o fundador da igreja em Filipos e tendo muitos seguidores na fé, aqueles que estavam sob sua liderança continuavam sendo seus discípulos e, mais do que nunca, ele se via como um servo. Aqueles que se uniam a ele nessa obra, como Timóteo, também eram chamados a servir humildemente.

O Dr. Martyn Lloyd-Jones afirma acertadamente que de fato somos salvos para servir, [Nota 5] e Paulo com certeza entendia essa verdade bem a fundo.

A seguir, referindo-se aos destinatários da carta, o apóstolo os chama de santos, não de uma forma pejorativa, como se é feito muitas vezes em nossos dias, mas também não de maneira superlativa, superestimando os irmãos da igreja de Filipos, mas entendendo que aqueles que entregaram suas vidas a Jesus Cristo, esses, Deus os chamou e os santificou (Hb 10.10).

Nota-se ainda que tanto os servos como os santos são de Jesus Cristo, logo, o tratamento é para os de casa, para os da família. "É uma carta especial para algumas pessoas especiais".[Nota 6]

Entender que havia um direcionamento a um grupo específico de pessoas nos ajudará a perceber que o conteúdo da carta, como um todo, pode não fazer sentido a todos que leem. Como o próprio apóstolo pontua em sua primeira carta aos Coríntios, a carta agora endereçada aos filipenses, caindo em mãos de "não santos", pode dar a ideia de loucura, enquanto, para os santos, as palavras nela contidas, nas quais são evidenciadas as obras de Cristo, são poder de Deus (1Co 1.18).

Outra observação importante é reparar que primeiro Paulo se direciona aos santos, fazendo uma menção abrangente de toda a igreja, para, só depois, ele incluir as autoridades eclesiásticas, os ministros da igreja, sendo eles os bispos e diáconos, mas não deixando de valorizar.

Agora, por que mencionar esses obreiros? Hendriksen apresenta algumas possibilidades: (1) expressar gratidão pelas ofertas recebidas dos filipenses que certamente

se tratava de uma iniciativa daqueles obreiros; (2) conscientizar os obreiros dos esforços que deviam fazer para que as instruções da carta fossem levadas a bom termo; (3) dar à sua autoridade seu endosso pessoal em vista dos cães e dos inimigos da cruz de Cristo que ameaçavam a igreja.[Nota 7]

Por fim, ainda temos o tradicional cumprimento paulino, no qual ele faz questão de evidenciar e exaltar Deus na pessoa do Pai e do Filho Jesus Cristo. A graça remete à obra redentora de Jesus Cristo na cruz do calvário, enquanto a paz denota o estado de tranquilidade, mesmo em meio à maior das tempestades, que só o Deus Pai pode nos dar. E até para a ordem em que são ditas há uma explicação. "Não há paz se não houver primeiro graça. É por isso que Paulo menciona primeiro a graça. Onde houver graça, a paz surge inevitavelmente".[Nota 8]

A compreensão das verdades apresentadas já nos primeiros versos da carta aos Filipenses não nos faz olhar ao redor a título de comparação de estatura ou posição, mas nos leva a dar conta de quem é o nosso Senhor. Logo, em relação à família na fé, nós e os que estão ao nosso redor somos, ao mesmo tempo, santos, filhos do rei e servos uns dos outros.

Isso significa que, em todo o tempo, não só podemos como devemos servir os que nos cercam, pois, dessa forma, a multi-forme graça de Deus opera em nós e por meio de nós, para que Deus seja glorificado, a partir de Jesus Cristo (1Pe 4.10-11).

Portanto, nessa simples e profunda saudação já podemos perceber o teor do que a carta aos Filipenses nos sugere. O servo de Cristo Jesus propõe aos santos, também de Cristo, um ensinamento prático quanto à arte de servir, para que todos possam desfrutar, da melhor maneira, da graça e da paz oriundas não só da parte de Cristo, mas também do Deus Pai.

Nota 1 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 21. [Voltar]

Nota 2 - HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 404. [Voltar]

Nota 3 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 21-22. [Voltar]

Nota 4 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 88. [Voltar]

Nota 5 - JONES, Martyn LLoyd. A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses. vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 16. [Voltar]

Nota 6 - JONES, Martyn LLoyd. A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses. vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 26. [Voltar]

Nota 7 - HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 410. [Voltar]

Nota 8 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 30. [Voltar]

2

Cuidando e sendo cuidado

Colocar-se como servo de um determinado grupo não significará que o cuidado prestado será unidirecional, isto é, somente de cima para baixo, compreendendo que os liderados (santos) estão sob a autoridade do líder (servo).

No corpo de Cristo o cuidado será sempre omnidirecional, ou seja, em todas as direções, pois entende-se que todos os que compõem o corpo foram chamados para cuidar.

É claro que a máxima de Jesus prevalece: "[...] a quem muito foi dado, muito lhe será exigido [...]" (Lc 12.48). Isso implica que um pastor, que tem a responsabilidade por um grande rebanho, terá mais trabalho do que um pai de família que não desempenha uma atividade eclesiástica, especialmente no que diz respeito à responsabilidade sobre um maior número de pessoas. No entanto, ambos serão avaliados de acordo com as responsabilidades que lhes foram confiadas.

O que iremos abordar a seguir vai além do cuidado da autoridade, porque também colocaremos em pauta o cuidado devido de quem está sob essa autoridade, como, por exemplo, o cuidado das ovelhas com o seu pastor ou o cuidado dos santos com quem lhes serve.

Afinal, trata-se de um ciclo natural da vida. Se ao nascermos nós somos cuidados, com o passar dos anos acumulamos responsabilidades de também cuidar, inclusive daqueles que cuidaram de nós no início da vida. Vejamos, portanto, como se dá esse cuidado na caminhada cristã por meio das palavras de gratidão, convicções e intercessão.

Grato pelo cuidado

> Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós, fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vós, em todas as minhas orações, pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora.
>
> Filipenses 1.3-5

A partir do terceiro versículo do primeiro capítulo da carta, Paulo faz menção às boas lembranças que tinha da igreja de Filipos. A razão das boas recordações se devia ao fato da cooperação da igreja quanto à pregação do evangelho, não só ali, como também em outros locais.

Os filipenses apoiaram o ministério de Paulo quando ele esteve em Tessalônica (1Ts 4.15-16) e Corinto (2Co 11.9), enviando suprimentos e ofertas. Agora, quando o apóstolo está na prisão em Roma, mais uma vez os filipenses estão o apoiando, inclusive por meio dos cuidados de Epafrodito, um fiel companheiro de Paulo.

Um dos motivos da alegria do apóstolo é que os irmãos daquela cidade não viraram as

costas para ele quando foi preso ou perseguido. Diante de tanto cuidado por parte dos irmãos filipenses, Paulo não via outra opção a não ser corresponder ao cuidado, cuidando. Como? A carta aos Filipenses nos deixa pelo menos três evidências.

A primeira e mais clara, sem sombra de dúvida, é o simples fato de se ter uma carta com instruções, encorajamento e gratidão aos irmãos da igreja de Filipos. Diferentemente do que acontece em outras epístolas, nas quais ele escreve por necessidade de pôr as coisas em ordem, nesta, vemos um sentimento de satisfação por parte do autor.[Nota 1] Ele não se sentia na obrigação de escrever, mas ele queria escrever — o que é diferente.

Muitas vezes não procuramos familiares e amigos porque precisamos, mas porque amamos, não é mesmo? Este era o sentimento de quem escrevia a carta. E essa relação de amor entre pai e filhos produziu e produz frutos até os dias de hoje, como podemos ver no texto sagrado e, por que não mencionar, no livro que você está lendo.

Em segundo lugar, Paulo demonstra seu cuidado para com os filipenses por meio das orações contínuas (1.4; 1.9), na qual ele agradecia, se alegrava e pedia a Deus para o desenvolvimento do amor, do conhecimento e da justiça.

Com certeza, o fato de um preso estar servindo pessoas livres é um tanto curioso e digno de uma menção honrosa. Afinal, quantas vezes deixamos de servir às pessoas ao nosso redor por motivos tão fúteis? Quantas vezes deixamos de servir alegando estarmos em situações adversas? À luz desse exemplo, percebemos que muitas alegações, na verdade, não passam de desculpas esfarrapadas para aliviar a nossa consciência egoísta.

Steven Lawson destaca que "a oração altruísta é um bom remédio para nossa alma atribulada, porque deixamos de olhar para nós mesmos e pomos o foco nos outros".[Nota 2] Quando deixamos os nossos problemas de lado para pensar nos problemas dos outros, somos tratados e, por que não dizer, consolados por Deus.

Em terceiro e último lugar, o cuidado de Paulo também é demonstrado quando ele abre mão da companhia de Epafrodito, o que veremos com mais detalhes no Capítulo 7 deste livro.

Vemos, portanto, que não faltaram ações de gratidão por parte do autor da carta. E, se não bastasse a riqueza de seus atos, estes ainda eram complementados por afirmações de reconhecimento quanto à obra já realizada na igreja num contexto prático e espiritual.

De forma prática, a igreja de Filipos serviu ao Senhor cooperando na pregação do evangelho. Conforme comenta o Rev. Hernandes Dias Lopes: "Ela foi um bálsamo para o velho apóstolo nas suas horas mais difíceis".[Nota 3]

Enquanto muitas igrejas e irmãos, que talvez tivessem condições para abençoar, cruzavam os braços, aquela igreja não media esforços para servir. Sobre essa atitude, Russell Shedd também afirma: "É difícil uma prova maior da operação do Espírito de Deus no coração, do que o desejo de contribuir para suprir as necessidades daqueles a quem Deus ama".[Nota 4]

Agora espiritualmente falando, os filipenses deram prosseguimento no processo de salvação primeiramente recebendo o evangelho e, em seguida, perseverando em meio às provações. Citando 2 Coríntios 8.3, Hendriksen afirma que a cooperação daqueles irmãos aconteceu conforme suas forças e, às vezes, mesmo além de suas forças.[Nota 5]

Olhando para esse exemplo, também nós, em nossos dias, temos a oportunidade de também colaborar num contexto prático e espiritual. Todos aqueles que cumprem algum

papel para que a palavra de Deus seja pregada são cooperadores do evangelho. Se você colabora para o funcionamento da igreja ou de um culto, sabe bem do que estou falando. As coisas seriam diferentes, por exemplo, se não houvesse quem se preocupasse com a limpeza da igreja, com a acústica, com as acomodações daqueles que irão assistir ao culto. Todas essas atividades, dentre outras, contribuem para que muitas pessoas recebam a palavra.

Uma vez recebida a palavra, somos também chamados a perseverar nela. Na carta aos Hebreus, o escritor endossa esse argumento quando nos orienta a correr com perseverança à carreira que nos foi proposta, olhando firmemente para Jesus, Autor e Consumador da nossa fé (Hb 12.1-2).

Os dois relatos bíblicos supracitados, das Cartas aos Filipenses (no início do tópico) e aos Hebreus, concordam que a caminhada cristã possui dificuldades. Pergunte ao missionário no campo sobre as privações e perseguições, ao pastor com décadas à frente da igreja e que já viu muita coisa terrível acontecer, ao irmão que se converteu há pouco tempo e que luta para se livrar dos vícios, ao adolescente que é ridicularizado na escola por causa da sua fé ou a irmã que ora há anos pela conversão do filho ou do marido.

Porém, todos, ou pelo menos uma grande parcela destes, entendem que as provações fazem parte da caminhada, e que, olhando para Jesus, nós somos renovados e estimulados a continuar caminhando e cuidando daqueles que nos cercam.

O que vemos na relação entre Paulo e os irmãos da igreja de Filipos é uma via de mão dupla chamada "cuidado". Enquanto a igreja cuida do seu líder, suprindo suas necessidades físicas, emocionais e também espirituais, esse líder retribui cuidando da saúde espiritual da igreja, agradecendo, instruindo, intercedendo e contribuindo. Tais ações se devem às convicções de seu coração.

Convicções quanto ao cuidado mútuo

> Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus.
> Aliás, é justo que eu assim pense de todos vós, porque vos trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na defesa e confirmação do evangelho, pois todos sois participantes da graça comigo.
> Pois minha testemunha é Deus, da saudade que tenho de todos vós, na terna misericórdia de Cristo Jesus.
>
> Filipenses 1.6-8

As convicções de Paulo registradas nos versículos acima podem ser utilizadas tanto para concluir os seus agradecimentos quanto para introduzir a sua oração intercessora — o que veremos no tópico seguinte.

O Dr. Martyn Lloyd Jones afirma com propriedade que "somente a pessoa que compreende o plano de salvação, seu significado, seu caráter e seu poder é que pode chegar a sentir o que o apóstolo sentia, e que pode partilhar a experiência dele".[Nota 6] Era justamente essa compreensão que o apóstolo usava para falar com profundidade sobre o plano de redenção enquanto agradecia e orava por seus irmãos.

A primeira convicção de Paulo é que a obra não era dele nem dos irmãos filipenses, mas do Senhor. Logo, o cuidado devido mutuamente nascia a partir do cuidado de Deus na vida dos santos. Afinal, foi Deus quem abriu o coração para que todos os envolvidos fossem inseridos nessa grande obra.

A segunda convicção é uma continuidade de raciocínio, pois, se foi Deus quem começou, ele há de terminar, porque Deus termina o que começa. "Deus não inicia meramente a obra e depois a deixa; ele a continua; ele a leva adiante, dirigindo, manipulando as nossas circunstâncias, ora nos restringindo, ora nos impulsionando."[Nota 7] Em outras palavras, ele continua no controle de tudo, pois tudo provém dele.

O prazo e o resultado da conclusão da obra talvez não sejam visíveis aos nossos olhos, pois "o dia de Cristo Jesus" remete à redenção por completo, isto é, a glorificação do corpo, algo que acontecerá quando nos encontrarmos com ele na glória. Hendriksen pontua muito bem quando diz: "Um tijolo pode parecer um produto terminado, mas será algo isolado e inútil até que seja colocado no lugar a que pertence, e todas as fileiras e camadas estejam assentadas e o formoso edifício esteja terminado".[Nota 8]

É fato que as primícias do Espírito (Rm 8.23) já nos fazem ter uma ideia do poder restaurador do Senhor, mas estas não se comparam com a glória que há de ser revelada em nós (Rm 8.19).

A terceira convicção é que, enquanto cooperador da obra de Deus, ele não era solitário. Havia outros obreiros e os ir-mãos filipenses eram também participantes dessa obra, como já mencionado no tópico anterior.

Por fim, agora não fazendo referência à obra em si, mas em relação ao sentimento de Paulo pela igreja de Filipos, Paulo demonstra convicção no amor que tinha àquela igreja, inclusive, sendo Deus testemunha da saudade que ele nutria.

Nesse sentido, convido você, leitor, a refletir sobre a obra que Deus começou em sua vida. Você tem também essa convicção de que algo já está acontecendo e que será concluído no dia do Senhor? Lembre-se de que essa convicção virá acompanhada do testemunho. As pessoas ao seu redor precisam enxergar que há algo acontecendo em sua vida, isto é, elas precisam ver os traços de Jesus em seu comportamento, assim como eram vistos nos irmãos filipenses.

A certeza de que a obra é do Senhor, que ele não abandona o que começa e que não estamos sozinhos certamente nos ajudará a perseverar no cuidado mútuo. Como bem disse Steven Lawson: "Se Deus fez com que você nascesse de novo, pode ter certeza de que completará sua obra 'até o dia de Cristo Jesus'".[Nota 9]○

A partir dessa certeza, o apóstolo poderia, então, abrir seu coração para interceder pela igreja.

Cuidando por meio da intercessão pelo crescimento

> E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.
>
> Filipenses 1.9-11

Partimos agora para a oração de intercessão e súplicas de Paulo. Sobre as orações paulinas, o Dr. Martyn Lloyd-Jones afirma que "as suas orações são tão teológicas como todos os seus argumentos e discussões".[Nota 10] A profundidade dessa pequena oração, por exemplo, já nos faz concordar.

Ele pede ao Senhor que os irmãos tenham um amor inteligente (Fp 1.9), sejam sinceros e irrepreensíveis (Fp 1.10) e cheios do fruto de justiça, tendo como propósito final a glória e o louvor de Deus. Conforme destaca Wiersbe: era uma oração por maturidade cristã.[Nota 11] Sobre esses três pedidos, podemos ainda extrair as seguintes lições:

Em primeiro lugar, o amor inteligente é a semente para as obras excelentes. O crescimento do amor pedido tem como requisitos o conhecimento e a percepção em estágio máximo. Isso significa que não se trata de qualquer conhecimento ou de uma percepção parcial, pelo contrário, ambos precisam ser completos.

A expressão "pleno conhecimento" não se refere ao mero conhecimento cerebral dos fatos, mas significa um entendimento da vida das pessoas que vem do coração, que consegue perceber suas necessidades mais íntimas e sabe qual é a melhor maneira de supri-las.[Nota 12]

Podemos ilustrar essa percepção por meio de ações vividas num contexto familiar. Sabe quando o marido chega em casa com o doce preferido da esposa sem que ela lhe peça? Ou quando a esposa prepara o prato preferido para o marido que teve um dia difícil no trabalho? Ou quando um pai leva o filho ao parque para ensiná-lo a andar de bicicleta ou para aperfeiçoar suas habilidades em algum esporte? Necessidades e vontades são supridas a partir do amor acompanhado de um conhecimento íntimo. É isto que Deus espera da igreja: que os irmãos se conheçam a ponto de suprir uns aos outros em suas necessidades e vontades não reveladas verbalmente.

Em segundo lugar, a conduta sincera e irrepreensível é que irá nos conduzir ao encontro com o Senhor, lembrando que somente os limpos de coração verão a Deus (Mt 5.8). Os termos "sincero" e "irrepreensível" são redundantes e apontam para a perfeição, que deve ser vista como alvo do cristão.

A palavra "sincero", no latim, pode ser traduzida como "sem cera", uma referência a uma prática comum no mundo antigo, na qual os vendedores de vasilhas de barro tentavam ludibriar os seus possíveis clientes tapando as rachaduras e imperfeições dos seus produtos com cera, prática que era facilmente desmascarada quando o item era exposto ao sol.

Já o termo "irrepreensível" aponta para o fato de o cristão não ter um comportamento ou ação que lhe trará reprovação diante dos homens e até mesmo de Deus.

Um servo maduro não tenta ludibriar os seus defeitos, mas se esforça para que eles não existam, e essa combinação faz com que ele persiga a sinceridade e a irrepreensibilidade, visando ser aprovado pelo Senhor e, consequentemente, pelos santos, trazendo confiança aos que serão servidos por ele.

Em terceiro e último lugar, o fruto da justiça são as ações cotidianas que glorificam a Deus (1Co 10.31). Tratam-se de ações que revelam o empenho do cristão em imitar Jesus. Shedd pontua que, enquanto o fruto apresentado em Gálatas 5 é produzido pelo Espírito que habita no interior, o fruto da justiça é produzido pela vida de Jesus atuante em nós.[Nota 13] Ambos dependem de uma ação divina, mas não isentam a responsabilidade

humana. Afinal, é o homem quem os cultiva. O servo maduro se esforça, não para exibir o fruto, mas para saciar a fome das pessoas ao seu redor por meio dele. "O círculo deve ficar completo. Os frutos, descendo do céu, devem levar sua fragrância de volta ao céu". [Nota 14]

Perceba que a maturidade, alvo da oração intercessora de Paulo, nada mais é do que a busca por uma maior capacidade para servir, aprofundar o cuidado em todos os âmbitos.

Chamados para cuidar

A arte de servir está em enxergar que todos nós fomos chamados para cuidar e sermos cuidados. Como faremos isso? Lembrando que ninguém está na condição de não precisar de cuidado e ninguém está na condição de não poder cuidar. Logo, servimos ao Senhor servindo o próximo, que também serve ao Senhor nos servindo; juntos e com a ajuda de Deus formamos um cordão de três dobras que não se rebenta com facilidade (Ec 4.12).

Observando o exemplo de Paulo e a igreja de Filipos, percebemos que existem duas perspectivas incorretas quando se trata de cuidado. Aquele que espera ser servido o tempo todo está errado, assim como aquele que só quer servir e não permite ser servido.

Precisamos, portanto, avaliar as nossas relações aplicando o cuidado em todas elas. O bom pai entenderá seu papel de cuidar e ser cuidado, mas também ensinará esse papel aos seus filhos. A esposa que procura demonstrar seu amor por meio da submissão ao seu marido aplicará essa submissão no cuidado e receberá cuidado em troca, como prova de amor do marido que a ama como Cristo amou a igreja (Ef 5.24-25). O chefe cuidará dos seus subordinados de forma justa e receberá em troca a fidelidade.

E o que dizer da igreja do Senhor? Os irmãos devem estar atentos às carências e necessidades uns dos outros para que haja cuidado e edificação mútua. Uma frase, que desconheço o autor, resume muito bem a atitude esperada por Jesus pelos que dizem servi-lo: "Se o Pai é nosso, o pão não pode ser só meu".

O Pai é nosso, o pão é nosso e as dívidas são nossas, portanto, cuidar e sermos cuidados são tarefas cuja responsabilidade cabe a cada um de nós.

Nota 1 - CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. Introdução ao Novo Testamento. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 361. [Voltar]

Nota 2 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 35. [Voltar]

Nota 3 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 58. [Voltar]

Nota 4 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 92. [Voltar]

Nota 5 - HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 416. [Voltar]

Nota 6 - JONES, Martyn LLoyd. A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses. vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 37. [Voltar]

Nota 7 - Idem, p. 42. [Voltar]

Nota 8 - HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 418. [Voltar]

Nota 9 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 39. [Voltar]

Nota 10 - JONES, Martyn LLoyd. A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses. vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 51. [Voltar]

Nota 11 - WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Wiersbe Novo Testamento. Tradução de Regina Aranha. Rio de Janeiro: Geográfica Editora, 2008, p. 602. [Voltar]

Nota 12 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 43. [Voltar]

Nota 13 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 104. [Voltar]

Nota 14 - HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 426. [Voltar]

3

Enquanto houver vida

Na correria do dia a dia, muitas vezes é difícil organizar as tarefas cotidianas. Quando as surpresas e imprevistos aparecem, fica ainda mais difícil. Logo, definir até quando faremos alguma atividade é quase impossível.

No entanto, esperar algo acontecer para tomar uma iniciativa nem sempre é uma decisão assertiva, pois sempre tem alguma outra tarefa esperando, e esta, de repente, pode furar a fila de prioridades. Talvez você tenha uma lista de livros para ler ou uma lista de filmes para assistir, mas sempre tem aquela novidade que acaba sendo priorizada, não é mesmo?

Por outro lado, quando há empenho e disciplina em determinada atividade, não será qualquer imprevisto que impedirá que tal atividade seja desenvolvida.

Nessa perspectiva é que vemos a atitude de Paulo quando o assunto é anunciar o evangelho de Jesus Cristo. O apóstolo entendia que o simples fato de ele estar vivo contribuía para a pregação do evangelho, logo, o local em que ele estava, as circunstâncias em que se encontrava ou o público ao seu redor não seriam obstáculos para o seu chamado a servir, mas instrumentos usados pelo Senhor.

Os instrumentos usados pelo Senhor

> Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho; de maneira que as minhas cadeias em Cristo se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais; e a maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousam falar com mais desassombro a palavra de Deus.
>
> Filipenses 1.12-14

Como uma prisão pode ser algo bom? Como isso pode se tornar um instrumento usado por Deus para abençoar outras pessoas? Paulo destaca que as suas cadeias eram não só conhecidas por todos (1.13), como também um estímulo para a maioria dos irmãos (1.14). Acontecia algo que hoje chamam de Efeito Streisand: trata-se da censura que se torna publicidade.

Sabe quando alguém faz uma campanha para que as pessoas não vejam determinado filme ou não comprem produtos de determinada marca por causa de um comercial ofensivo? O que acontece? O tiro acaba saindo pela culatra, e a censura acaba se tornando publicidade gratuita.

Prenderam o apóstolo, mas mal sabiam que aquela ação contribuiria para o progresso do evangelho (1.12). De alguma forma, a prisão de um líder cristão estimulava os demais cristãos a também pregarem a palavra. Tudo isso se deve à bagagem carregada por esse

tal líder.

Todos nós carregamos uma bagagem de experiências conosco. Nessa bagagem estão as nossas vitórias, como também nossas lutas, talvez os traumas. A ciência já provou que as coisas que nos aconteceram no passado nos moldam. Alguém que passou por uma experiência traumática, por exemplo, possui mecanismos de defesa, o que para algumas pessoas pode ser exagero, justamente por não terem passado por experiências semelhantes.

Quando olhamos para Paulo, o apóstolo, o pregador, falando sobre "as coisas que me aconteceram", podemos facilmente avaliar, com base no que as escrituras nos relatam, principalmente a partir do livro de Atos, que essas "coisas" não são experiências comuns, vazias ou rotineiras. Essas "coisas" englobam perseguição (At 9.23-25), rejeição (At 9.26-28), açoites e prisões (At 16.19-26; 28.16), hostilidade nas cidades em que passou (At 17.5, 13), naufrágio (At 27.9-28), dentre outras coisas que, nas palavras do Dr. Russell Shedd, poderiam muito bem fazer Paulo se considerar a pessoa mais injustiçada de todo o mundo.[Nota 1]

O apóstolo diz que todas essas coisas contribuíram, isto é, foram instrumentos usados por Deus para o progresso do evangelho. Evidentemente, não está escrito que não foram experiências dolorosas, mas é como se Paulo estivesse dizendo: Doeu, mas valeu a pena!

Uma grande bagagem não passa despercebida. Lembro-me das dezenas de acampamentos de jovens e adolescentes de que já participei. Geralmente, a concentração à espera do transporte acontecia na porta da igreja. Quando aguardávamos a saída dos ônibus ou quando colocávamos as malas no bagageiro, era normal aparecer alguém com uma mala muito grande, uma maior que a maioria dos demais acampantes. E quando isso acontecia, a pergunta era sempre a mesma: "Você fez a mala para quantos dias?".

Os guardas romanos, quando se deparavam com a bagagem de Paulo, certamente ficavam curiosos, pensativos, e o fato de se ter um ou mais deles fisicamente acorrentado ao apóstolo preso todos os dias (At 28.16) fazia com que algo inimaginável acontecesse: o tal guarda era obrigado a ouvir sobre o evangelho de Jesus Cristo — e o que ele ouvia não ficava só ali.

Possivelmente, o conteúdo recebido pelo guardião do prisioneiro cristão se tornava assunto do jantar ou da roda de amigos em qualquer lugar da cidade. Todos que compunham a guarda pretoriana (só em Roma havia algo em torno de nove mil homens da elite do Império), acabavam tomando ciência da bagagem carregada por aquele preso piedoso e cheio de fé. Consequentemente, a notícia corria por toda a cidade.

Ao percorrer as ruas e praças, os já conhecedores do evangelho também se sentiam encurralados. Pensavam: "Se um homem preso está enfrentando o medo da retaliação e aproveitando todas as oportunidades que tem para anunciar o evangelho, o que nos impede de também ser boca de Deus para os que nos cercam?"

Como bem argumenta o Pr. Antônio Carlos Costa: "O evangelho desfaz a fobia de Deus. O evangelho oferece libertação integral aos homens. Se a igreja redescobrir o incalculável valor do evangelho, será posta em marcha para levar sua gloriosa mensagem a todos os continentes, ainda que isso lhe custe a privação das mais doces delícias da vida".[Nota 2]

É maravilhoso como Deus usa pessoas improváveis para nos motivar. Muitas vezes,

somos tentados a colocar a nossa bagagem como desculpa para cruzar os braços. Mas daí aparece alguém com uma mala muito maior, mais pesada, que nos faz repensar o motivo da nossa apatia.

As coisas que nos aconteceram, por melhores ou piores que sejam, têm, sim, um significado e um belíssimo propósito: glorificar a Deus. A bagagem que carregamos pode perfeitamente ser usada como instrumento para a pregação do evangelho. Afinal, quando contamos o que o Senhor fez por nós e em nós, temos autoridade para dizer às pessoas ao nosso redor: "Ele também pode ser e fazer algo especial na sua vida!"

Quando ressuscitou, Lázaro não precisava de muitas palavras para retratar a obra que Deus fez em sua vida — ele era o testemunho vivo. Da mesma forma, muitas vezes não precisaremos de um vocabulário robusto ou de uma boa oratória. Basta dizer: "Apesar do que me aconteceu, estou de pé pela graça e misericórdia de Deus!". Apesar da imensa bagagem, você pode dizer: "Deus é bom em todo tempo!"

Usemos, portanto, a nossa bagagem para anunciar o evangelho de Jesus Cristo. Para isso, precisamos também refletir sobre o que nos move. Por qual motivo faremos isso?

As motivações corretas

> Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade; estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho; aqueles, contudo, pregam a Cristo, por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias.
> Todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei.
>
> Filipenses 1.15-18

As motivações estavam além da prisão de um embaixador do evangelho. Vemos na sequência do texto outros motivos que faziam outros cristãos também arautos do Rei dos reis. O texto nos diz que alguns eram invejosos, enquanto outros tinham boa vontade na missão que cumpriam.

É interessante pensar que Deus usa, inclusive, pessoas mal-intencionadas para abençoar outras. Talvez você se lembre do profeta Balaão, um mercenário que, mesmo sendo pago para amaldiçoar o povo de Israel, em determinado momento preferiu correr o risco de ser castigado pelo homem do que prestar contas a Deus (Nm 24).

A Bíblia também nos mostra que Deus é especialista em transformar o mal em bem, como fez com José, filho de Jacó, tirando-o da prisão para torná-lo governador da maior potência mundial naquele tempo, não antes de fazer dele um alvo de ciúmes, injustiça e abandono.

Se Deus usa o mau (oposto do bom), como Balaão, e o mal (oposto do bem), como todo o sofrimento de José, o que ele fará, então, por meio daqueles que o servem por amor? Se Deus usa pessoas com motivações distorcidas, o que ele poderá fazer com quem se submete totalmente à sua vontade?

Pensar no que o Senhor pode fazer com certeza é algo maravilhoso, mas voltemos à perspectiva humana, ao que o homem pode e deve fazer, considerando as circunstâncias e

a estação da vida em que se encontra.

O servir a Deus não pode ser condicional. As circunstâncias, e muito menos as estações da vida, não servem de argumentos para não o servirmos. Logo, usar como subterfúgio os problemas do dia a dia ou o fato de se ter mudado de fase na vida é dizer que, por algum motivo, Deus deixou de ser prioridade em nossas vidas. É claro que existem exceções e circunstâncias impeditivas, mas o Senhor conhece o nosso coração quando dizemos: "Eu não posso!"

A desculpa de alguns é o motivo de outros. Em todo o tempo e em todo lugar, sempre haverá motivos e formas para servir. Paulo tinha limitações na prisão. Ele não poderia visitar lugares importantes em que ainda não havia anunciado o evangelho, não poderia falar presencialmente para pessoas que ele gostaria, mas isso não significava que ele deveria estar de braços cruzados, mas sim pensar no que era possível de se fazer.

A pandemia do Covid-19 também trouxe limites em muitos aspectos. Muitos planos foram adiados ou suspensos, porém, muitas portas e plataformas se abriram para o serviço. Da ação social ao evangelismo on-line, não faltaram oportunidades para se colocar em prática a parte do "servi ao Senhor com alegria", que o salmo 100 nos apresenta. No entanto, durante a pandemia, muitos procuraram justificativas para não fazer, não servir, ao invés de avaliar as possibilidades de como fazer, de como servir ao Senhor, mesmo em tempos difíceis.

O Dr. Martin Luther King também é, certamente, um exemplo quando se fala de motivação. Em sua luta incansável pelos direitos civis em prol da igualdade social, o pastor batista é sempre lembrado pelo famoso discurso intitulado "Eu tenho um sonho" (I have a dream) e pela icônica frase na qual ele diz: "Quem não tem uma causa pela qual morrer, não tem motivo para viver".

Paulo tinha uma causa pela qual morrer e essa causa lhe fazia viver servindo. Essa causa era maior que sua reputação, maior que suas diferenças pessoais com aqueles que o perseguiam e até mesmo maior que qualquer diferença teológica que poderia surgir entre ele e outros irmãos, por isso a ênfase na alegria do evangelho pregado.

Eu e você herdamos a mesma causa quando entregamos a nossa vida ao Senhor Jesus. Aprendamos, portanto, a lição. Que a nossa motivação em proclamar as boas-novas, quer com palavras ou com ações, esteja acima das nossas ambições pessoais, nossas diferenças sociais e teológicas.

É claro que a reprovação, a discórdia e a perseguição doem, ainda mais quando vem de onde esperamos o contrário. Porém, se formos movidos pela popularidade humana, nos tornaremos reféns dela. Como bem afirma o Dr. Steven Lawson: "Não devemos jamais usar nosso ministério cristão como capa para esconder nosso projeto de autopromoção. As motivações mais puras exigem que façamos todas as coisas para a glória de Deus".[Nota 3]

Alguns "irmãos" não demonstravam essa motivação pura, pelo contrário, eram movidos por sentimentos terríveis como inveja, porfia, discórdia, falta de sinceridade e rivalidade. O apóstolo condena a motivação, apesar de reconhecer que a mensagem estava sendo pregada corretamente. Era como se ele estivesse dizendo: "Há aqueles que estão fazendo a coisa certa, mas com a motivação errada".

O Senhor espera que façamos a coisa certa com a motivação certa. Ao mesmo tempo,

ele também espera que as motivações de outros não nos tire do foco. Como embaixadores do evangelho de Jesus Cristo, não estamos aqui para agradar homens nem mesmo sermos agradados por eles. Se em algum momento isso acontecer, será um "bônus" da parte do Senhor.

Em todo tempo, lembremos que o que nos move é o que nós cremos, Jesus Cristo, nosso Senhor. E ele nos move para servirmos. Estejamos prontos para servir enquanto houver vida!

Enquanto houver vida

> Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação, segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousa-dia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte.
> Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro.
> Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor.
> Mas, por vossa causa é mais necessário permanecer na carne.
> E, convencido disto, estou certo de que ficarei e permanecerei com todos vós, para o vosso progresso e gozo da fé, a fim de que aumente, quanto a mim, o motivo de vos gloriardes em Cristo Jesus, pela minha presença, de novo convosco.
>
> Filipenses 1.19-26

Voltando ao cenário no qual Paulo se encontrava, nota-se que o apóstolo analisa as possibilidades em que poderia ser útil porque entende que não faz sentido viver se não for viver para Jesus. Se não servimos para servir, não servimos para mais nada.

Em sua visão como homem, entendia que seria bom ser liberto da prisão, mas, olhando mais à frente, com os olhos da fé e talvez também com os olhos de alguém já cansado de apanhar na vida, percebia que a libertação desta seria algo muito melhor — ou seja, àquela altura, bom mesmo seria morrer.

O Pr. Antônio Carlos Costa destaca esse dilema a partir da seguinte conclusão: "A morte é a libertação do cativeiro de um corpo caído. Por tudo isso, um ser humano expor seu corpo, sujeito a dores lancinantes, ao sofrimento por causa do evangelho é uma extraordinária forma de revelar ao mundo a autenticidade da sua fé".[Nota 4]

Quando Paulo afirma que "o viver é Cristo", ele está apelando para o sentido da sua vida e de todos aqueles que afirmam ser cristãos. "Ele se refere ao supremo valor da vida, aquilo para o que e pelo que ele vive, àquilo sem o que a vida, para ele, seria sem objetivo e sem sentido."[Nota 5] Se somos cristãos, vivemos para e por Jesus, e isso nos custa imitar o seu exemplo, servindo até a morte.

A ênfase "para mim" (em "Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro", 1.21) demonstra ainda que a motivação do apóstolo era diferente da motivação de outros. Enquanto para alguns as motivações estão nesse mundo, como fama, dinheiro e poder,

para os que estão em Cristo Jesus, as motivações estão na eternidade, logo, se encontrar com ele na glória é o maior prêmio que alguém, cujas motivações estão na eternidade, poderia obter.

No entanto, ele complementa dizendo que "morrer é lucro", que estar com Jesus era incomparavelmente melhor (1.23). Entretanto, havia um propósito em Deus conservar a sua vida, mesmo diante de tanto sofrimento e perseguição. A razão de o apóstolo ainda estar vivo era para que pudesse contribuir com as pessoas as quais ele teria a honra e o privilégio de servir.

De maneira semelhante, precisamos entender que há uma razão de estarmos vivos, que é servir as pessoas ao nosso redor. E o servir não se limita à igreja do Senhor Jesus, mas a todos que nos cercam, pois o nosso testemunho pode muito bem ser um instrumento do Senhor para que outras pessoas o encontrem e o sirvam. Gosto da ilustração que Wiersbe desenvolve para explicar essa instrumentalidade:[Nota 6]

> Cristo precisa ser engrandecido? Afinal o que um simples ser humano pode fazer para engrandecer o Filho de Deus? Considere, por exemplo, as estrelas, muito maiores que o telescópio, mas bem distantes. O telescópio as "aproxima" de nós. O corpo do cristão deve ser um telescópio que diminui a distância entre Jesus Cristo e as pessoas. Para muitos, Cristo é uma figura histórica distante e nebulosa que viveu há séculos. Mas quando os incrédulos observam o cristão passar por uma crise, podem ver Jesus mais de perto. Para o cristão comprometido, Cristo está conosco aqui e agora.

O que leva alguém a sacrificar tempo, energia, dinheiro e sabe-se lá o que mais em prol de outrem? Uma coisa é se sacrificar a fim de trazer benefícios para si, agora por que fazer isso visando o bem do próximo? Há quem diga que "tudo na vida tem limite", mas qual seria o limite do servir o próximo? Depende do tipo de recompensa que se espera.

Se a sua recompensa está nessa vida, em algum momento você encontrará o seu limite. Para alguns, é enquanto o dinheiro durar, enquanto houver reconhecimento; para outros, o limite está relacionado ao poder, está no prazer. Enfim, o limite está relacionado à sua motivação.

Agora, se a sua motivação está no Senhor, você entenderá que o limite do servir está relacionado aos dias que viveremos. Enquanto houver vida, haverá oportunidades para servir. Enquanto houver vida, palavras poderão ser ditas, ações poderão ser realizadas e projetos ainda poderão ser executados. As circunstâncias podem até limitar o nosso campo de ação, mas não podem nos parar, porque o nosso viver é Cristo. Logo, enquanto houver vida, há esperança (Jó 14.7-9).

Apesar do dilema em que se encontrava, Paulo esperava estar vivo "amanhã". E esse "amanhã" poderia se tratar de dias, meses ou anos. Havia uma expectativa de festa no reencontro entre Paulo e a igreja de Filipos. Juntos, eles celebrariam a vida. E não há maneira mais eficaz de se celebrar a vida do que vivendo de uma maneira que faça sentido. Aguar-demos o amanhã fazendo o hoje valer a pena!

Faremos o hoje valer a pena servindo ao Senhor Jesus. E serviremos ao Senhor Jesus com excelência, servindo uns aos outros enquanto houver fôlego de vida, enquanto houver oportunidades e meios para servirmos.

Nota 1 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 107. [Voltar]

Nota 2 - COSTA, Antônio Carlos. Lendo Filipenses: Um comentário para hoje. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 51. [Voltar]

Nota 3 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 60. [Voltar]

Nota 4 - COSTA, Antônio Carlos. Lendo Filipenses: Um comentário para hoje. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 60. [Voltar]

Nota 5 - JONES, Martyn LLoyd. A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses. vol.1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 103. [Voltar]

Nota 6 - WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 88. [Voltar]

4

Compromisso com a unidade

Quando olhamos para a nossa sociedade plural, podemos concluir que viver em unidade, para muitos, talvez seja uma utopia. A polarização existe em várias frentes da sociedade e, no Brasil, apesar da maior evidência ser na política, não significa que não esteja presente em outras áreas.

O preocupante é perceber que essa polarização tem também ganhado força na igreja. Muitas vezes, os adeptos da linha teológica X põem a perder tudo o que os adeptos da linha teológica Y produzem, como se não houvesse um ponto de convergência ou de unanimidade na fé que professamos.

Não é nada incomum se deparar com Paulo falando sobre unidade em suas cartas. Ele aborda esse assunto com clareza quando escreve aos Efésios, aos Coríntios e aos Romanos. Com certeza, a melhor explicação em sua abordagem é fazendo referência ao corpo de Cristo (1Co 10.17; 1Co 12.12-13; Ef 4.3-4).

Os membros do corpo são distintos, mas compatíveis uns com os outros, porque todos possuem a mesma essência. De semelhante modo, precisamos entender que, apesar das diferenças de pensamento que podem haver, inclusive dentro da igreja, há uma compatibilidade entre os membros: todos foram lavados e remidos pelo sangue do cordeiro (1Co 6.11).

Portanto, reforço o que foi dito anteriormente: o que nos une é a nossa fé em Cristo Jesus. Tendo posse disso, não podemos usar das diferenças quanto à visão soteriológica, escatológica e eclesiológica para nos dividir.

Se uns creem que são predestinados e outros creem no livre-arbítrio, isso é secundário; a questão primária é que Jesus morreu na cruz do calvário por causa dos pecados de calvinistas e arminianos. Se Jesus vem antes, durante ou após a grande tribulação, é algo secundário, pois a questão principal é que ele vem. Se o batismo é por imersão ou aspersão, isso é algo secundário, o primário é que todo aquele que crê seja batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Quando há compromisso com a unidade, as questões secundárias realmente ficam em segundo plano. O que passa a valer é que a dor do próximo é a minha dor, a alegria do próximo é a minha alegria, a luta do próximo é a minha luta.

Lutando juntos

> Acima de tudo, vivam de modo digno do evangelho de Cristo, para que, ou indo até aí para vê-los ou estando ausente, eu ouça a respeito de vocês que estão firmes em um só espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé do evangelho; e que em nada se sentem intimidados pelos adversários. Pois o que para eles é prova evidente de perdição para vocês é sinal de salvação, e isto da parte de Deus. Porque vocês

> receberam a graça de sofrer por Cristo, e não somente de crer nele, pois vocês têm o mesmo combate que viram em mim e que agora estão ou-vindo que continua a ter.
>
> Filipenses 1.27-30

Foi Jesus quem disse que passaríamos por aflições na terra (Jo 16.33). Porém, no mesmo versículo ele nos garante algo precioso e inspirador: companhia. A companhia do Senhor em meio às lutas é o que nos dá forças para continuar a batalha. Muitas vezes, essa companhia é demonstrada por meio de terceiros, ou seja, por meio das pessoas que caminham conosco durante as mais terríveis batalhas.

Paulo nos diz que a igreja recebeu a graça do sofrimento, isso significa que podemos demonstrar amor e perseverança no evangelho por meio da nossa luta de cada dia.

Para início de conversa, essa luta é incondicional e exige uma postura imutável. O testemunho cristão não deve mudar, independentemente de companhia, plateia e circunstância. Viver de modo digno implica ter orgulho da cidadania celestial (Fp 3.20), ou seja, entendendo que "a igreja é uma equipe, é um time que precisa trabalhar unido", [Nota 1] nós, como cristãos, precisamos "honrar a camisa" e dar o nosso melhor uns pelos outros e, consequentemente, pelo "dono do time", o Senhor Jesus. Nas palavras de Ralph Martin, seria viver como pessoas convertidas, tanto dentro da igreja como lá fora, no mundo.[Nota 2]

Em segundo lugar, o time precisa estar realmente unido. Uma vez que entendemos que a luta do meu irmão é também minha, como já abordamos anteriormente, teremos mais forças para lutar e evitaremos perder a batalha antes mesmo de começar. Afinal, toda cidade ou casa dividida contra si mesmo não subsistirá (Mt 12.25).

É preciso destacar, ainda, que há uma grande diferença entre unidade e uniformidade. O apelo do apóstolo Paulo é quanto à união apesar das diferenças e não quanto a uma única forma de atuação. Nesse sentido, os idealizadores do Movimento Mosaico, o Pr. Pedro Lucas Dulci e o Pr. Rafael Balestra Cassiano, destacam e desenvolvem muito bem quanto à aplicação da unidade em prol de algo maior:[Nota 3]

> Não há nada mais propenso para o fracasso do que insistir em unidade cristã como sinônima de uniformidade [...] Quando cada um compreende que seus dons e talentos particulares foram dados com o propósito de compor algo maior do que sua própria biografia, então temos as condições de superar a diferença pela unanimidade do desafio — a glória de Deus no mundo.

Fazendo uso ainda do conceito de time como ilustração da igreja, podemos dizer que é por meio das particularidades de cada componente que o time se fortalece. Enquanto alguns demonstrarão suas habilidades na defesa, outros terão mais proficiência no ataque, e assim haverá equilíbrio, organização e força.

Por fim, após organizar a casa, traçar as estratégias e alinhar o discurso, estaremos prontos para lidar com os fatores externos, isto é, a perseguição e as provações permitidas por Deus que evidenciam a nossa fé.

Diante desses desafios, não podemos nos intimidar, nos preocupar, não importa que tamanho sejam. Pelo contrário, lembremos que quem luta por nós é o Senhor dos Exércitos e, se ele é por nós, quem será contra nós? (Rm 8.31).

A postura esperada diante das provações é de alegria e paz, pois elas não representam um esquecimento da parte de Deus ou até mesmo a sua ira, mas uma graça, um privilégio. Somente pela fé, que vem pela graça, pode o sofrimento ser considerado um privilégio. [Nota 4]

Paulo não estimula o vitimismo, pelo contrário, aqueles cristãos do primeiro século deviam tirar os olhos de si mesmos e voltá-los para um mundo carente de Cristo.[Nota 5] Da mesma forma, nós, quando passamos por provações, precisamos procurar nos fortalecer no Senhor e extrair as lições que ele quer nos ensinar em cada situação.

O apóstolo reforça ainda que os filipenses tinham "o mesmo combate" que ele, isto é, não importa se você está em Roma ou em Filipos, na prisão ou na igreja, você deverá travar uma batalha pela fé, e que honra a nossa, não é mesmo?

Portanto, podemos afirmar que o segredo do sucesso na batalha está no entendimento de que passaremos por aflições, mas podemos vencê-las juntos e com perseverança. Lutaremos juntos e venceremos quando tivermos os mesmos motivos, os mesmos frutos e os mesmos inimigos. Vejamos a respeito.

Os motivos para vivermos em unidade

> Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias.
>
> Filipenses 2.1

Quando cursei Ciência da Computação, as matérias que mais me encantaram foram as relacionadas ao desenvolvimento de sistemas. Fiquei fascinado ao conhecer os "idiomas" que o computador entende. Em lógica de programação, conheci o que chamam de "estrutura condicional". De maneira bem simplista, significa que para que algo funcione em um *software*, os requisitos solicitados devem ser seguidos à risca. A máquina só irá executar determinada ação quando os requisitos forem totalmente atendidos. Na estrutura condicional, o termo mais famoso é o "se". Um exemplo disso seria a existência de um formulário com um campo com duas opções de escolha, onde em cada escolha há uma funcionalidade preestabelecida. Se o usuário escolher a primeira opção, algo irá acontecer; se escolher a segunda, outra coisa acontece.

Quando Paulo fala de unidade, ele estabelece uma estrutura condicional. Ele inicia o primeiro versículo do segundo capítulo com a palavra "se" e a repete outras três vezes, montando um pacote com todos os requisitos necessários para a unidade. Ele destaca os motivos que nos unem: exortação em Cristo, consolação de amor, comunhão do Espírito e entranhados afetos e misericórdias.

A "exortação em Cristo" baseia-se na assistência. A palavra grega *paraclesis* significa encorajamento. O Dr. Russell Shedd ilustra essa exortação comparando com um professor que observa um aluno na prova, avalia o seu progresso e então o orienta.[Nota 6] Podemos imaginar ainda um *personal trainer* incentivando o seu aluno a fazer mais uma repetição em determinado exercício e até mesmo corrigindo a postura dele enquanto executa.

O Dr. John MacArthur compara essa assistência à ação exemplificada na parábola do

bom samaritano, em que ele cuida do estrangeiro de maneira imediata e ainda supre quem continuaria cuidando daquele homem.[Nota 7] Nós também somos exorta-dos quanto ao cuidado mútuo por meio do exemplo de cuidado de Cristo Jesus, que veremos mais adiante. Como membros do corpo de Cristo, precisamos assistir uns aos outros.

A "consolação de amor" se resume em perdão. A palavra "consolação", no grego *paramuthion*, significa "incentivo". O amor consolador é o que o Senhor concede aos pecadores indignos da graça da salvação.[Nota 8]

Eu e você fomos perdoados e, então, passamos a dever perdão aos que nos devem. Quando colocamos em prática a oração que Jesus nos ensinou, conhecida como oração do "Pai-Nosso", percebemos que o perdão que buscamos tem como pré-requisito o perdão que liberamos.

A "comunhão do Espírito" nos evidencia o agente da unidade. A união no corpo de Cristo não pode ser produzida pelo homem. Ela não é denominacional, nem tampouco bairrista, mas é espiritual. É o Espírito Santo que nos insere no corpo de Cristo (1Co 12.13). Ele é o agente da unidade.

Por fim, os "entranhados afetos e misericórdias" podem se resumir na palavra compaixão. Quando passamos a olhar a dor do próximo como nossa dor e a sua alegria como nossa alegria, damos um grande passo em busca da unidade.

Hendriksen também reforça isso em relação à estrutura condicional citada no início deste tópico montada pelo apóstolo: "Note que Paulo diz 'se', não como se duvidasse que essas condições fossem verdadeiras, mas simplesmente para enfatizar que, quando a condição é apresentada, a conclusão também se faz presente."[Nota 9] Tendo posse dos quatro requisitos abordados pelo apóstolo Paulo, podemos avançar e discernir quanto aos frutos obtidos a partir das sementes acima descritas.

Vejamos, portanto, quais são os frutos da unidade:

Os frutos da unidade

> Completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento.
>
> Filipenses 2.2

Se no primeiro versículo Paulo convida os filipenses a fazer um *check-up* quanto ao compromisso dos filipenses em relação à unidade, no versículo seguinte, ele apresenta quais seriam as consequências das ações tomadas. Os irmãos produziriam belíssimos frutos: o mesmo pensamento, o mesmo amor, seriam unidos de alma e teriam o mesmo sentimento.

O "mesmo pensamento" consiste em ter a mente de Cristo (1Co 2.16). A única maneira de um grupo pensar de forma igualitária é se baseando em um modelo, havendo um norte, um referencial. E não haverá modelo mais perfeito, direção mais assertiva e referencial mais poderoso do que a mente de Cristo Jesus.

Dr. Shedd argumenta que "até mesmo uma família pode apresentar diversidade profunda na personalidade e nos interesses, mas se cada um dos membros realmente ama aos outros, eles têm uma só mente. Existe um só pensamento porque sua atitude é sempre

favorável a cada membro da família".[Nota 10] Como família do Senhor Jesus, todo o corpo de Cristo pensa como ele.

O "mesmo amor" também tem como fonte o próprio Deus. O amor aprendido com Jesus deve ser colocado em prática, superando as diferenças e os defeitos do próximo. Os mandamentos do Antigo e do Novo Testamento se resumem em amor. E o padrão de amor requerido foi elevado pela pessoa de Cristo. Ele nos deu um novo mandamento, de amar uns aos outros como ele nos amou (Jo 13.34).

Estar "unidos de alma" indica que, na lista de priorização de cada um, o "nós" está acima do "eu". Nas palavras do Pr. Hernandes Dias Lopes: "A igreja não é um concurso de projeção pessoal nem um campeonato de desempenhos pessoais. A igreja é um corpo onde cada membro coopera com o outro, visando à edificação de todos".[Nota 11]

Quando entendermos que fazemos parte um do outro, alcançaremos essa unidade de alma.

O "mesmo sentimento" significa que o objetivo comum dos discípulos de Jesus é que ele seja glorificado em tudo (1Co 10.31). Novamente, Pr. Hernandes Dias Lopes conceitua: "A igreja é como um coro que deve cantar no mesmo tom. Os crentes não são competidores, mas cooperadores. Eles não são rivais, mas parceiros. Eles não estão lutando por causas pessoais, mas todos buscam a glória de Deus".[Nota 12]

Se a igreja está sintonizada no mesmo tom, o objetivo da glória de Deus será alcançado.

Os frutos da unidade são atemporais. Isso significa que eles precisam ser produzidos e saboreados em todo o tempo. Permita-me desenvolver melhor esse conceito.

Uma das minhas frutas favoritas é a jabuticaba, porém, só posso saborear essa fruta numa determinada época do ano, enquanto meu filho Asafe, que prefere banana, pode usufruir o ano todo. De maneira semelhante, vemos hoje em dia muitos movimentos e igrejas que almejam produzir os frutos da unidade em prol de eventos periódicos ou em prol de uma causa muito específica, que muitas vezes é distorcida por interesses pessoais. Nesses casos, a finalidade da unidade é rasa. Trata-se de um evento que tem o fim em si mesmo, uma união voltada à projeção política de alguém para que a igreja seja representada, é um ajuntamento que visa demonstrar a força e a relevância da igreja. O objetivo da unidade deve ir muito além.

Enquanto pensarmos em unidade como meio para crescimento, projeção pessoal ou negócio, não iremos colher os melhores frutos. O corpo de Cristo precisa de alimento constante e esse alimento só será servido de maneira saudável e contínua quando a unidade for aliada ao propósito de servir. Por isso, precisamos ficar atentos quanto ao que pode comprometer a colheita, os inimigos da unidade.

Os inimigos da unidade

> Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros.
>
> Filipenses 2.3-4

Nos versículos 3 e 4 são apresentados os inimigos da unidade: o egoísmo e a vaidade.

Eles se tornam notáveis quando os motivos para viver em unidade não são compreendidos ou quando eles são deturpados ou esquecidos.

O egoísmo e a vaidade é que desvirtuam ministérios e chamados. São essas duas características que fazem com que muita coisa que deveria acontecer não aconteça. Elas nos mostram que, inclusive, podemos fazer a coisa certa do jeito errado.

Em outras palavras, era como se Paulo estivesse dizendo: Vocês já sabem os motivos pelos quais devem estar juntos, já sabem o que precisam fazer para que as coisas fluam ainda melhor, porém, cuidado para que a motivação de vocês não esteja errada. Servir a Jesus é muito mais do que pensar em dinheiro, poder e fama, é muito mais do que simplesmente ter um cargo, dons e talentos.

A vacina para o egoísmo e a vaidade é a humildade. "A humildade é a graça que perdemos quando descobrimos que a possuímos",[Nota 13] ou seja, é algo complexo e que precisa ser genuíno. A humildade é desenvolvida por meio da absorção da mente de Cristo,[Nota 14] isto é, no esforço da imitação de Cristo, na renúncia, na crucificação da carne.

Possivelmente, na igreja de Filipos havia quem não quisesse se submeter a determinadas atividades porque se achava superior, talvez por causa do cargo, dos dons, do dinheiro. Por isso Paulo os exorta a colocar os interesses dos outros acima dos próprios. O Dr. Steven Lawson explica que "os filipenses não podem se humilhar diante do Senhor se, ao mesmo tempo, estiverem procurando se exaltar em relação aos outros".[Nota 15]

O exemplo máximo de humildade é Jesus — falaremos sobre isso de maneira aprofundada no próximo capítulo. Porém, o apóstolo Paulo demonstra também ser um grande exemplo de humildade, inclusive no desenvolvimento do seu ministério. Hendriksen aborda que Paulo durante a sua terceira viagem missionária se intitula como "o menor dos apóstolos"(1Co 15.9), mais tarde, durante sua primeira prisão em Roma, ele se intitula como "o menor de todos os santos" (Ef 3.8), e, por fim, durante o período que se estendeu da primeira para a segunda prisão em Roma, ele se designa como "o principal dos pecadores" (1Tm 1.15).[Nota 16]

Paulo seguiu o caminho contrário ao que a lógica prevê. Enquanto muitos que se veem numa crescente espiritual pensam estar mais "santos" ou "prontos", o apóstolo demonstra que a cada dia mais dependia da graça e misericórdia de Deus. Ele estava verdadeiramente vacinado contra a vaidade e o egoísmo por meio da humildade.

Igualmente precisamos buscar essa imunização. Quanto mais o egoísmo e a vaidade gritarem dentro de nós mais precisamos dar espaço à humildade, e faremos isso quando nos dedicarmos ao propósito de servir, quando formos comprometidos com a unidade.

Compromisso com a unidade

O caminho do compromisso começa no conhecimento. Não podemos nos comprometer com o que não conhecemos. Portanto, buscar um compromisso verdadeiro com a unidade começa com a busca pelo conhecimento do que é viver em unidade, que se dá por meio do companheirismo na luta de cada dia.

A partir desse conhecimento teremos discernimento de quais são os requisitos para se alcançar o objetivo, bem como os seus frutos.

Evidentemente, não podemos nos esquecer de que há obstáculos. Os inimigos da unidade não podem ganhar força em nós, caso contrário, não conseguiremos viver o propósito do servir ensinado e demonstrado por Jesus Cristo.

Compromissar-se com a unidade, portanto, trata-se da perseverança na busca por amor, consolação, comunhão e compaixão, para que sejam produzidos o mesmo pensamento, o mesmo amor e a mesma união de alma e mente. Assim, serviremos uns aos outros de maneira singular, para a glória de Deus!

É impossível servir ao Senhor na individualidade, por isso precisamos de um real compromisso com a unidade!

Nota 1 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 97. [Voltar]
Nota 2 - MARTIN, Ralph P. Filipenses: Introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 95. [Voltar]
Nota 3 - DULCI, Pedro Lucas; CASSIANO, Rafael Balestra. Movimente-se — O Movimento Mosaico: Inspirando na relação e transpirando na transformação. Uberlândia: Sal Editora, 2015, p. 23, 24. [Voltar]
Nota 4 - MARTIN, Ralph P. Filipenses: Introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 97. [Voltar]
Nota 5 - COSTA, Antônio Carlos. Lendo Filipenses: Um comentário para hoje. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 71. [Voltar]
Nota 6 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 124. [Voltar]
Nota 7 - MACARTHUR, John. The MacArthur New Testament commentary. Chicago: Moody, 2001. [Voltar]
Nota 8 - MACARTHUR, John. The MacArthur New Testament commentary. Chicago: Moody, 2001. [Voltar]
Nota 9 - HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 467. [Voltar]
Nota 10 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 126. [Voltar]
Nota 11 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 113. [Voltar]
Nota 12 - Idem. [Voltar]
Nota 13 - WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 94. [Voltar]
Nota 14 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 128. [Voltar]
Nota 15 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 99. [Voltar]
Nota 16 - HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 470. [Voltar]

5

Jesus, o exemplo de servo

Enfim chegamos ao ápice da exposição de Paulo na carta aos Filipenses, para muitos teólogos, o clímax da cristologia paulina. Há somente uma razão para essa conclusão. Entre os versículos 5 e 11 do segundo capítulo, Paulo desenvolve uma profunda reflexão, apontando para a obra da cruz. "Assim como a cruz tem bem no seu centro um ponto onde se cruzam as traves transversal e vertical, assim também no centro do drama da história, exatamente no centro, está a cruz de Jesus Cristo."[Nota 1]

A arte de servir nunca foi e nunca será tão bem demonstrada como foi por Jesus. O Rei dos reis desceu do trono para dar sua vida por nós e nos mostrar na prática como é que se serve.

Se no Antigo Testamento a Bíblia descreve como as coisas deveriam ser, como um servo do Senhor deveria se comportar, no Novo Testamento isso é demonstrado de uma maneira magistral. Dane Ortlund, no livro *Manso & humilde*,[Nota 2] desenvolve muito bem esse raciocínio, afirmando: "O Filho encarnado não joga fora o nosso entendimento de quem Deus é indo numa direção completamente nova. Ele simplesmente fornece uma realidade em carne e osso sem precedentes do que Deus já estava tentando convencer o seu povo ao longo dos séculos".

Se antes os mandamentos se resumiam em amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo (Mt 22.36-40), agora o nível subiu, agora o amor deve ser como Jesus amou (Jo 13.34). Ele é o nosso exemplo de servo!

O Pr. Hernandes Dias Lopes reforça sobre a forma que Paulo apresenta Jesus como exemplo de servo, visando trazer não só um pensamento teológico, mas um remédio para a desunião:[Nota 3]

> Paulo está expondo seu pensamento teológico mais profundo para resolver um problema de desunião dentro da igreja. A teologia deve sempre ser conectada com a vida. A teologia determina a ética. A doutrina é a base para a solução dos problemas que atacam a igreja. A igreja precisa pensar teologicamente.

Ele ainda complementa dizendo que "o melhor remédio para curar os males da igreja é olhar para Jesus, seguir os Seus passos e imitar o Seu Exemplo".[Nota 4]

O exemplo de Jesus começa no pensamento e no sentimento, isto é, num perfeito alinhamento entre a mente e o coração num só propósito. Esse alinhamento desenvolve-se com ações e é coroado com as consequências dessas ações.

Vejamos, portanto, a fundo, como tudo começa!

Pensando nos outros

> Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não jugou como usurpação o ser igual a Deus.
>
> Filipenses 2.5-6

Quando Paulo recomenda que os filipenses tenham "o mesmo sentimento que houve também em Jesus Cristo", ele está falando de amor. Porém, não se trata de um amor qualquer. As palavras *philos* e *eros*, que outrora foram traduzidas como "amor" no Novo Testamento, com certeza não cabem aqui.

A primeira, *philos*, significa amor fraterno, amizade, portanto, seria uma forma de chamar alguém de "querido", mesmo sem ter tanta intimidade, algo meio que na base da obrigação. Por exemplo: como não amar a tia fulana? Ela é minha tia, não tenho opção.

A segunda palavra, *eros*, aponta para um amor romântico, pode ser perfeitamente associada à atração física, sexo, paixão, dentre outros desdobramentos. É a raiz das palavras "erótico" e "erotismo".

O amor que Jesus tem por nós vai além de *philos* e *eros*. O amor de Jesus por nós é *ágape*, um amor que renuncia, um amor que se doa, se entrega. Ter o mesmo sentimento que Cristo Jesus não é fácil, é coisa de gente grande que procura não ser tão grande assim, pelo contrário, que se apequena cada vez mais.

Os homens casados foram ordenados a desfrutar desse sentimento na carta aos Efésios, quando são admoestados a amar as suas esposas como Cristo amou a igreja (Ef 5.25).

De maneira semelhante, todo aquele que deseja provar do sentimento do qual somos alvos deve estar disposto a renunciar. Nas palavras do próprio Cristo, esse deve tomar a sua cruz e segui-lo (Lc 9.23). Essa atitude começa com a decisão de colocar os nossos interesses em segundo plano, revelando a nossa fé. "É de se esperar que pessoas incrédulas sejam egoístas e cobiçosas, mas não esperamos isso de cristãos que experimentaram o amor de Cristo e a comunhão do Espírito."[Nota 5]

Michael Jordan, um dos maiores jogadores de basquete de todos os tempos, diz que "o talento vence jogos, mas só o trabalho em equipe ganha campeonatos". Em outras palavras, ele está dizendo que não basta ser talentoso se não for para contribuir com algo maior.

Não é possível fazer qualquer comparação com Jesus, não tenho dúvidas quanto a isso, porém, é preciso considerar que ele serve de inspiração para Jordan ou qualquer outro atleta de esporte coletivo. Paulo nos mostra que enquanto os irmãos de Filipos estavam se dividindo devido ao egoísmo e à vaidade, Jesus ensina jogar para o time, abrindo mão do que for preciso para isso.

Jesus é Deus, logo, ele tem todos os atributos de Deus, mas quando veio à terra viveu como homem, abrindo mão da sua glória para que a humanidade fosse alcançada. Mesmo sendo o mais rico, decidiu abrir mão de toda a sua riqueza. "Tão pobre ele era que tomou emprestado um lugar para nascer, uma casa para pernoitar, um barco de onde pregar, um animal para cavalgar, uma sala para reunião e um túmulo para ser sepultado."[Nota 6] Mesmo sendo o Rei dos reis, decidiu se submeter às autoridades como Herodes, Pilatos e César. Mesmo sendo o mais poderoso, decidiu servir a todos (Jo 13.13-15).

Ter o mesmo sentimento de Jesus, portanto, não é para os fracos, ou melhor, é para os fortes que se fazem fracos para que a força e o poder do Senhor se manifestem. Servir

custa caro, pois a renúncia leva embora até mesmo aquilo que acha-mos que temos.

As ações de Jesus durante o seu ministério refletiam a sua renúncia. Era como se todos os dias ele saísse às ruas com um colete de uma cor em destaque escrito "Posso te ajudar?". No entanto, diferente de muitos que vestem um colete como esse nos dias de hoje nos mais diversos estabelecimentos, Jesus não estava pensando em ganhar algo em troca, a não ser ver outros sendo abençoados por ele.

O pensamento exemplar de Jesus nos faz refletir sobre o real motivo pelo qual servimos às pessoas ao nosso redor. Há quem oferte, doe e presenteie de maneira egoísta, pois, ao invés de pensar nos outros, está pensando em si, em qual será a sua colheita diante de tanta "bondade". É verdade que a lei da semeadura nos diz que a colheita será de acordo com a semente e que isso pode gerar alguma expectativa, mas não pode roubar o sentido do serviço ao próximo, o amor.

Há também quem sirva apenas as pessoas que merecem, conforme seu senso de justiça particular. Todavia, Jesus não olhava para as pessoas como elas mereciam, mas pensando sobre o que elas precisavam. Nos evangelhos o veremos fazendo perguntas como: "Que queres que eu te faça?" (Lc 18.41), "Você quer ser curado?" (Jo 5.6), "Por que vocês estão alvo-roçados e chorando?" (Mc 5.39), "Por que você está chorando?" (Jo 20.15). Em todos esses casos, e em muitos outros, Jesus serviu as pessoas baseando-se no que precisavam e não no que mereciam.

Do que as pessoas ao seu redor estão precisando? Seria um prato de comida? Seria uma peça de roupa como aquela que está esquecida no seu guarda-roupas? Companhia, atenção, uma palavra de ânimo, uma oração? Talvez venha à memória quanto ao merecimento de quem te pede ou de quem você enxerga necessidade, mas isso não pode vir ao caso, pois se viesse, eu e você não poderíamos ser alcançados pela bondade de Deus demonstrada na cruz do calvário. Compreende?

Ainda nessa linha de raciocínio, eu te pergunto: quais são os interesses e sonhos de quem o cerca? Como essas pessoas poderiam se sentir prestigiadas por você? Se esse for o caso, como elas poderiam ser apresentadas a um Deus que pensa e se importa com os outros? As respostas a essas perguntas demonstrarão o quão prontos estaremos para o próximo passo na imitação de Cristo: servir aos outros.

Servindo aos outros

> Antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz.
>
> Filipenses 2.7-8

Os melhores pensamentos são aqueles que se transformam em ações. Pensar nos outros é bom, servi-los é ainda melhor. Logicamente não se serve sem pensar em servir. O que acontece é que os pensamentos podem ser distorcidos, esquecidos e a ação não passa a existir.

Em um momento de emoção, alguém pode fazer uma promessa que, mais tarde, quando se passar o calor do momento, não será cumprida e até mesmo esquecida. Muitas declarações de amor ficaram somente no campo das ideias, das palavras que não fizeram

sentindo mais tarde — quando o casamento acabou, a amizade se findou ou a relação simplesmente deixou de existir.

O amor de Jesus não foi simplesmente declarado com palavras bonitas que causam algum impacto emocional; ele foi demonstrado com derramamento de sangue, como descrito no capítulo 2 da carta aos Efésios (sugiro que leia o capítulo na íntegra).

O sangue de Jesus derramado na cruz do calvário nos trouxe um impacto espiritual e eterno, pois fomos aproxima-dos ao Senhor por meio dele (Ef 2.13), deixamos de ser estrangeiros para nos tornar membros da família de Deus (Ef 2.19), passamos de condenados à morte a herdeiros da vida eterna (Ef 2.1), e somos agora habitação de Deus (Ef 2.22).

Essa obra grandiosa, que não se pode medir, não poderia ser feita por um ser qualquer, por isso, o apóstolo faz questão de mencionar que Jesus não abriu mão da divindade para completá-la, mas abriu mão da glória. Ele moveu céu e terra, mas não saiu dando "carteirada" em ninguém. Não o vimos dizer aos que o esbofeteavam ou duvidavam dele algo como: "Vocês não sabem com quem estão mexendo." Pelo contrário, no ápice do seu sofrimento, aproximando-se o apagar das luzes, o fim de sua vida, ele ainda teve forças, e porque não dizer misericórdia, para ainda interceder por pessoas que lhe faziam mal, dizendo: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34).

Ele se esvaziou. Quando se tem pouco já é difícil abrir mão. Há quem diga que fica ainda mais difícil tendo muito. Mas o que dizer de quem abriu mão de glória e majestade para morrer por amor? Gosto da colocação de Philip Yancey, no livro *O Jesus que eu nunca conheci*, retratando a vinda do Messias:[Nota 7]

> O Criador de todas as coisas encolheu-se além da imaginação, tanto, tanto, tanto, que se tornou um óvulo, um simples ovo fertilizado, quase invisível, um óvulo que se dividiria e se redividiria até que um feto fosse formado, expandindo-se célula por célula dentro de uma irrequieta jovem.

É interessante pensar que o Deus Onipresente se limitou a ponto de agora ter um endereço, uma localização. O Deus Onipotente teve um corpo corruptível e por isso também sentiu fome, frio, sono, dor. O Deus Onisciente se rebaixa a ponto de "aprender" a falar, andar e sabe-se lá o que mais com criaturas formadas por ele. Tanto no nascimento quanto na morte, ele precisou ser carregado, cuidado por outras pessoas. Não seria humilhação demais para Deus? Pois bem, tudo isso fazia parte do plano eterno.

No premiado filme *A lista de Schindler* há uma icônica cena em que o protagonista, Oskar Schindler, lamenta não ter feito mais pelos judeus. Ele havia gastado toda sua fortuna para salvá-los durante a Segunda Guerra Mundial. No momento em que ele está sendo agradecido pelas mais de mil pessoas salvas, ele se depara com um broche, que poderia ter sido negociado por mais uma vida. A constatação o deixa apavorado, pois ele entende que poderia ter feito mais, poderia ter se esvaziado ainda mais.

Por outro lado, Jesus se esvaziou por inteiro, ele nasceu, cresceu, viveu e derramou o seu sangue, por isso todos os que creram foram salvos. Ele o fez de maneira voluntária e consciente. Em uma frase, que desconheço o autor, diz: "Antes do 'haja luz' houve 'haja cruz'!". Portanto, Deus não foi pego de surpresa a ponto de tirar o plano de redenção da cartola para resolver um problema. Ele sempre esteve no controle da situação.

Tendo conhecimento dessa verdade, como não encher o coração de amor quando lemos o versículo 8: "A si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz"?

Não havia forma mais humilhante de morrer no primeiro século do que pendurado numa cruz. A prova disso é que a lei romana proibia que qualquer cidadão romano fosse sub-metido a esse tratamento cruel. A própria escritura nos diz, no Pentateuco, que maldito é aquele que for pendurado no madeiro (Dt 21.23).

Jesus nos ama tanto que renunciou, se esvaziou, se humilhou. A obediência dele não foi condicionada à nossa retribuição de amor. Ele nos amou incondicionalmente se expondo à vergonha suprema, como destaca o Dr. Steven Lawson:[Nota 8]

> Ninguém nunca se humilhou mais do que o Senhor Jesus Cristo. Ninguém nunca começou tão alto e ninguém nunca desceu tão baixo. Ninguém jamais abriu mão de tanta coisa quanto ele (Jo 15.13). Com base nisso, o apóstolo exorta todos os crentes a serem como Cristo, humilhando-se diante de Deus e dos outros.

Em tempos nos quais o que importa é o que se tem ou o que se conquista, o exemplo de Schindler e o de Cristo, principalmente, nos constrangem. Pequenas ações como uma esmola, a doação de roupas velhas ou uma oferta missionária já inflam o nosso orgulho e o sentimento de que algo incrível foi feito. No entanto, quando nos deparamos com alguém que fez muito com o pesar de não ter feito mais, como Schindler ou com alguém que fez tudo para que tivéssemos vida em abundância, como Jesus, somos motivados a continuar nos esforçando em prol do próximo, a compreender e viver como servos.

A palavra *doulos*, traduzida como "servo" também poderia ser traduzida como "escravo". E por que não a traduzimos assim? Por que não nos denominamos "escravos", fazendo uso do termo de boa vontade, quando fazemos algo por al-guém? Porque ser servo é mais aceitável, não ofende, não humilha. Mas se nos colocássemos no nosso devido lugar, como imitadores de Cristo, entenderíamos que ele nos chamou para ser escravos.

Como conceitua Dr. Shedd:[Nota 9] "Quem tem coração de escravo não pode nunca se sentir insultado ou magoado quando seus direitos são retirados." Se nos víssemos como escravos, não brigaríamos por protagonismo em lugar nenhum, pelo contrário, nos esforçaríamos para que o próximo alcançasse o lugar de destaque. Colocar-se nessa posição é mudar radicalmente os valores que carregamos.

Hoje, quando estamos numa fila qualquer, no banco, em um comércio ou até mesmo na igreja, possivelmente poderemos ficar irritados ou desconfortáveis quando alguém é inserido em nossa frente, seja por um motivo especialmente justo, seja por esperteza ou malandragem, não é mesmo? Agora, assumir a condição de "escravo" seria se constranger quando alguém fosse inserido atrás de nós, e não na frente, seria brigar pelo fim da fila, entendendo que a maior vantagem no reino é ser o último.

A meritocracia está tão enraizada em nossos corações que é difícil aceitar quando alguém que aparentemente não merece entra na nossa frente. Afinal, aprendemos a vida inteira que precisamos fazer por merecer. E se eu cheguei mais cedo, se eu me dediquei mais, nada mais justo de que eu seja contemplado primeiro.

Porém, na maior exposição da arte de servir, Jesus mudou todo o sentido. Ele, que não

precisava servir ninguém, pelo contrário, deveria ser servido por todos, resolveu pegar a fila e servir a todos. Ele, que não precisava pegar a fila da morte, resolveu tomar a frente e pagar o preço por todos. Ele o fez para que nós pudéssemos agir melhor nas outras filas da vida.

Jesus pegou o fim da fila dos interesses pessoais para que entendêssemos que, se quisermos de fato ficar perto dele, precisaremos deixar as outras pessoas passarem em nossa frente na mesma fila. Logo, o prêmio não está em quem mais se adianta, mas em quem mais faz com que as pessoas se adiantem. Compreende? "O teste da submissão não se refere apenas ao que estamos dispostos a suportar em termos de sofrimento, mas também ao que estamos dispostos a oferecer em termos de sacrifício."[Nota 10]

Será que eu e você podemos contribuir para que as pessoas ao nosso redor tenham uma vida mais alegre, mais amo-rosa e cheia de paz? Pois bem, esse é o chamado que Jesus nos deu quando nos disse para segui-lo. Era como se ele dissesse: Me acompanhe até o fim da fila! Quanto mais longe você conseguir chegar, melhor será a vida das pessoas que você encontrará pelo caminho, pois, para perseguir o fim da fila, inevitavelmente, você abençoará tantas pessoas que será impossível não entender o que Jesus disse quando afirmou que "maior é o que serve".

E o que nós ganhamos com isso? Glorificaremos o Senhor, estaremos mais perto de Jesus e certamente seremos galardoados por cada atitude de servidão, ou seja, faremos investimentos naquilo que é eterno.

Glorificando a Deus

> Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome.
>
> Filipenses 2.9

A humilhação de Jesus foi transformada em exaltação por parte do Deus Pai. Ralph Martin destaca que, a partir do versículo 9, há uma atuação diferente na história. Enquanto Jesus, o Deus Filho, atua nos versículos 6 ao 8, o Deus Pai se manifesta no versículo 9.[Nota 11] É como se, de repente, ele resolvesse entrar em cena para atender às expectativas de todos os que assistem à exposição da arte de servir.

O próprio Jesus foi quem disse que os humilhados serão exaltados (Mt 23.12). Sendo assim, o Pai entra em cena justamente para transformar a "super-humilhação" de Jesus em "superexaltação". Quando Paulo descreve que Jesus foi exaltado, a ideia é justamente deixar claro que ninguém foi nem será exaltado como Cristo, da mesma maneira que ninguém foi nem será humilhado como ele. "Deus exaltou-o acima dos anjos, em sua coroação. Deus o exaltou à sua mão direita, na glória dos céus."[Nota 12]

Jesus, portanto, recebeu o nome que está acima de todo nome. Ele é Senhor! "Ele agora é a 'pessoa acima' de todo o universo. Deus decretou que todos devem curvar-se perante ele, e honrar seu nome, que tem maior dignidade do que qualquer título."

O sacrifício de Jesus, como já dito, impactou diretamente a eternidade, mas esse impacto não se restringe aos que creem, mas a todos no céu, na terra e debaixo da terra.

A conclusão dessa obra é a rendição por parte de toda a criação: homens que creram e

os que não creram, anjos, demônios, todos terão que se render a Jesus Cristo!

> Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.
>
> Filipenses 2.10-11

A maior exposição da arte de servir começa na cruz e continua na glória, ela não termina, pois é eterna. Que o autor da obra seja o alvo eterno de nossa rendição. Ele é Senhor! A ele toda a glória!

Nota 1 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 131. [Voltar]

Nota 2 - ORTLUND, Dane C.. Manso e humilde: O coração de Cristo para quem peca e para quem sofre. Tradução de Guilherme Cordeiro Pires. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 138. [Voltar]

Nota 3 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 122-123. [Voltar]

Nota 4 - WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 95. [Voltar]

Nota 5 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 128. [Voltar]

Nota 6 - YANCEY, Philip. O Jesus que eu nunca conheci. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: Editora Vida, 2004, p. 33. [Voltar]

Nota 7 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 106. [Voltar]

Nota 8 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão:Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 138. [Voltar]

Nota 9 - WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 97. [Voltar]

Nota 10 - MARTIN, Ralph P. Filipenses: Introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 95. [Voltar]

Nota 11 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 106. [Voltar]

Nota 12 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 138. [Voltar]

6

Seguindo os passos de Jesus

O apresentador Chacrinha gostava de dizer que "na tele-visão, nada se cria, tudo se copia". Esse princípio tem sido levado muito além da TV e nós podemos aplicá-lo aqui também. O que é bom realmente deve ser imitado e o que não é bom deve ser desprezado, nem sempre precisando de algum alarde, seja ao imitar, seja ao desprezar.

Confúcio faz uma conclusão e tanto falando sobre imitação. Ele diz: "Quando vires um homem bom, tente imitá-lo; quando vires um homem mau, examine-te a ti mesmo".

Não temos dúvidas de que Jesus é o maior exemplo de homem bom, logo, imitá-lo seria o objetivo basilar de todo cristão. Até mesmo o termo "cristão", cujo significado foi popularizado por C. S. Lewis como "pequeno Cristo",[Nota 1] aponta para a imitação. Os cristãos são os discípulos de Jesus, os seus imitadores.

Joseph Ratzinger, mais conhecido como o Papa Emérito Bento 16, explana muito bem o princípio da imitação em que devemos nos submeter, refletindo sobre as palavras ditas a Jesus no dia do seu batismo:[Nota 2]

> Na narração do batismo de Jesus, Lucas conta que, enquanto Jesus estava em oração, o céu se abriu e veio de lá uma voz que dizia: "Tu és o meu Filho amado; em ti pus todo o meu agrado" (Lc 3.22). O homem do agrado é Jesus; o é, porque vive totalmente voltado para o Pai: vive com os olhos fixos n'Ele e em comunhão de vontade com Ele. Portanto, as pessoas do agrado são aquelas que têm o comportamento do Filho: pessoas configuradas com Cristo.

Você almeja agradar ao Deus Pai? Você anseia extrair um sorriso dele? Você gostaria de ouvir algo como "eu me agrado de você"? O caminho para isso está na imitação do nosso irmão mais velho. E como faremos isso? Como imitaremos o exemplo de Cristo? É o que veremos a seguir!

O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO IMITADOR

> Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor, porque Deus é quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.
>
> Filipenses 2.12-13

Sabemos que nenhuma vírgula é em vão nas escrituras. Destarte, a maneira que Paulo começa o versículo 12 do segundo capítulo nos faz refletir bastante. Após enumerar os atributos e as ações que fazem de Jesus o nosso exemplo de servo, o apóstolo começa a

próxima sessão com uma conjunção, talvez uma das mais pesadas da Bíblia: “Assim, pois”.

Não há dúvidas que fomos chamados para seguir os passos de Jesus. Porém, depois de compreender o quão inspirador e desafiador é o exemplo de Cristo, falta fôlego para digerir o que vem a seguir. Isso faz com que esse “Assim, pois” soe ainda mais pesado do que costuma ser.

Os amados filipenses, e também nós, somos estimulados a uma obediência incondicional, isto é, obedecemos acima de tudo ao Senhor, logo, tendo ou não alguém olhando para nós, faremos questão de não mudar a nossa postura, tendo a certeza de que “os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons” (Pv 15.3).

Os salvos precisam se comportar como tais, tendo também a convicção de que até a capacitação para essa finalidade vem do Senhor. É o Espírito Santo quem nos capacita para que a obra da salvação seja desenvolvida. Desenvolver a salvação consiste em viver a salvação no tempo presente. Para esse entendimento, tomo emprestado o conceito de Lawson:[Nota 3]

> Na Bíblia, “salvação” é representada de três maneiras diferentes: passada, presente e futura. Essas três designações referem-se a justificação, santificação e glorificação. Na justificação, os crentes são imediatamente salvos da penalidade do pecado. Na glorificação, eles são finalmente salvos da presença do pecado. O uso de “salvação” nesse versículo significa a santificação na vida cristã diária. Os filipenses não tinham que trabalhar para obter a salvação, mas para desenvolvê-la, exteriorizando algo que Deus já havia feito.

Os justificados que aguardam para serem glorificados são santificados no processo que o apóstolo Paulo chama de desenvolvimento da salvação, que é realizado com temor e tremor.

Quando abordamos o temor ao Senhor, geralmente apontamos para o fato de que a palavra “temor” tem muito mais a ver com “reverência” do que “medo”. No entanto, quando a palavra “temor” vem acompanhada de “tremor”, o sentido dado é justamente de medo, não um medo qualquer, mas um respeito profundo advindo do discernimento de quem está por trás de tudo, o Rei dos reis, o Leão da tribo de Judá. Como não tremer diante da sua majestade e do seu rugido?

Esse rugido se dá pela manifestação do seu poder. Usando agora a bela constatação do Pr. Antônio Carlos Costa, podemos compreender a extensão dessa manifestação a nosso favor: “O mesmo poder que ressuscitou Cristo e mantém todos os planetas do sistema solar em harmonioso movimento é o que o evangelho promete para o contínuo progresso espiritual da igreja”.[Nota 4]

O Rei dos reis influencia não apenas a nossa postura, mas é ele também quem efetua o querer e o realizar. Perceba que, primeiramente, Deus opera “em nós”, para só depois operar “por meio de nós”. Wiersbe destaca que foi assim na vida de homens, como Davi e Moisés,[Nota 5] e certamente não será diferente na minha e na sua. Primeiramente, Deus trabalha em nós para depois trabalhar por meio de nós.

Esse princípio nos fará entender que muita coisa que já vivemos são os recursos

necessários para que possamos abençoar as pessoas que nos cercam. Os nossos sofrimentos, crises e problemas superados são a matéria-prima que será utilizada no suporte aos que sofrem ao nosso redor.

É dessa forma que o Senhor nos faz querer fazer algumas coisas que antes possivelmente não estavam em nossos planos ou até estavam, mas de maneira desalinhada. Agora, mediante o querer e o realizar do Senhor, desejamos agir e viver contribuindo para que algo maior seja realizado para a glória dele. Permita-me dar alguns exemplos.

Moisés até queria libertar o povo de Israel quando foi chamado, mas teve que esperar quarenta anos para se preparar para o realizar. Davi também queria ser rei, mas também passou por um processo de crescimento, amadurecimento e até mesmo perseguição, para depois poder realizar tantas coisas notáveis para a glória de Deus. José também queria que seus sonhos se realizassem, mas também precisou passar por um processo contínuo de decadência e ascensão para que isso acontecesse.

Da mesma forma, o Senhor gera em nós desejos preciosos, que, para serem realizados, também passarão por um processo de desenvolvimento que pode doer em algum momento, mas é segundo a sua boa vontade, isto é, nos fará bem, mesmo que doa.

Ele pode ter gerado em você o desejo de crescer, de ser relevante, de cuidar das pessoas ao seu redor, de ser uma pessoa melhor. Você pode hoje ainda sonhar com o sucesso da sua família, carreira, ministério. E todos esses são desejos louváveis e todos possuem um caminho a ser percorrido, processos de desenvolvimento.

Entre os desejos que o Senhor gera em nós, um prevalece e é origem de outros, o desejo em agradá-lo por meio da imitação de Cristo, um processo contínuo que pode nos custar algo, mas que nos trará frutos eternos.

A imitação de Cristo na prática

> Fazei tudo sem murmurações nem contendas, para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo, preservando a palavra da vida.
>
> Filipenses 2.14-16a

Processos contribuem para uma obra concreta. Um processo de produção de qualquer produto pode conter diversas etapas, entretanto, o objetivo é que, no fim, o produto seja entregue conforme as expectativas.

O processo de desenvolvimento do imitador contribui para que obras concretas sejam entregues, mas não quaisquer obras. O versículo 14 começa com uma generalização: "fazei tudo". É como se Paulo dissesse: após o processo de desenvolvimento, tudo será diferente. Não há um delimitador temporal que impeça de que as coisas sejam diferentes, assim como também não há um delimitador geográfico ou condicionado a qualquer outro fator. "Fazei tudo" realmente engloba tudo, todas as coisas.

A generalização vem seguida da postura esperada dos servos, "sem murmurações nem contendas". Nem sempre sabe-mos o que vem pela frente. E o medo do porvir pode gerar uma desconfiança que nos fará murmurar, reclamar, contender. No esporte, por exemplo, as cobranças mais enérgicas costumam vir de quem não está satisfeito com o resultado.

Quando Paulo fala sobre murmuração e contendas, ele evidencia que muitos poderiam estar obedecendo às instruções da liderança, mas, não de forma voluntária, e sim com pesar. Nessa perspectiva, temos um contraste na Bíblia que pode nos auxiliar quanto ao entendimento do que Deus espera de nós.

No Pentateuco vemos, em vários episódios, a murmuração dos israelitas que deixaram o Egito. Eles reclamaram de fome, sede, das provações e até mesmo duvidaram da promessa feita pelo Senhor, murmurando após a missão de espiar a Terra Prometida. O fim desses murmuradores não poderia ser diferente, morreram todos sem tomar posse da Terra Prometida (Nm 14.29-30).

De maneira semelhante, sempre que somos conduzidos a seguir um caminho diferente do que gostaríamos ou imaginávamos, somos tentados a agir de maneira contraditória ao esperado. Pensamos e agimos talvez como donos da verdade, às vezes chegando a desafiar o próprio Deus, questionando-o sobre por que as coisas não estão fluindo como esperávamos.

Por outro lado, Jesus, quando no Getsêmani, sendo sentenciado à morte, tendo todo o poder para mudar toda a situação, disse: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres" (Mt 26.39). Nessa experiência, Jesus demonstra dependência total no Pai, além de obediência e confiança plena.

Imitar Jesus consiste em confiar no Senhor até mesmo na maior das adversidades, consiste em "trocar a murmuração e contenda por muita gratidão e louvor".[Nota 6] E que tarefa difícil!

Nós somos murmuradores por natureza. Nós murmura-mos quando as pessoas fazem algo um pouco diferente do que esperamos, quando fazem além da conta e quando não fazem nada. Nós somos tentados a murmurar na mesa quando discordamos do cardápio servido. E o que dizer do trânsito da cidade grande? Das preferências políticas e sexuais daqueles que nos cercam? Fazer tudo sem murmuração beira o impossível, não é mesmo? Mas é o que Deus Pai espera daqueles que almejam ser imitadores do Deus Filho.

Diante da postura apresentada, temos a consequência, "vos torneis irrepreensíveis e sinceros". Há aqui um impacto externo e interno. O servo não murmurador é irrepreensível, isto é, ele não apresenta conduta digna de correção. Outrossim, isso só seria possível devido à sua segunda característica, que é interna, a sinceridade. Como já abordado no Capítulo 2, a palavra "sinceros", no original, vem de "sem cera".

Nos tempos antigos, os oleiros cobriam de cera as trincas dos vasos, enganando os compradores. Quando os vasos eram expostos à luz do sol, a cera derretia e os defeitos apareciam.

O Senhor quer que sejamos sinceros. Isto não significa que seremos sem defeitos, mas que eles não serão maquiados pelo pecado, e sim apresentados e confessados diante do Oleiro, para que ele possa fazer o reparo — se preciso até nos que-brando e nos refazendo (Jr 18.6).

Se a não murmuração já é uma tarefa e tanto, fazer uso da sinceridade em tempos de fragilidade é equivalente. Todavia, a sinceridade aguardada não se trata de opinião alheia, mas de si mesmo. Quem é verdadeiro consigo mesmo e a respeito de si não tem medo do que vão achar ou falar, mas demonstrará sua autenticidade na sinceridade e na irrepreensibilidade.

A conduta ilibada conduz os servos a um novo contraste, entre os filhos de Deus e a geração que os cerca. Se de um lado temos a pureza dos filhos de Deus, do outro temos a perversidade do mundo.

Os filhos de Deus inevitavelmente serão diferentes devido à nova identidade e nova mentalidade assumidas no novo nascimento. Como bem argumenta Hendriksen: "Os que pela virtude da regeneração (e santificação parcial) são filhos de Deus devem, com diligência, tornar-se filhos d e D eus, s em falha ou mancha."[Nota 7] Em outras palavras, os filhos de Deus não podem ser apenas nominais, mas precisam demonstrar o DNA do Pai por meio da pureza, mesmo sendo rodeados do lamaçal do pecado.

O chamado do servo de Deus é para ser luzeiro do mundo. E o termo "luzeiro" não se trata de uma comparação com uma lanterna, por exemplo, mas a comparação existente é com o Sol, a Lua e as estrelas. O Pr. Antônio Carlos Costa argumenta que "a meta é que as nações, por meio do contato com os cristãos, saibam que há gente de outro mundo neste mundo".[Nota 8]

O cristão não brilha para o bem próprio, mas para que os outros também colham os frutos do seu brilho. O seu bom trabalho abençoará e prosperará você e seus colegas. O seu empenho nos estudos fará com que outros aprendam com você. O seu testemunho como filho(a), cônjuge ou irmã(o) fará com que as bênçãos que você colhe alcancem também a vida daqueles que te cercam.

E onde está o segredo de tudo? Qual seria a fonte de uma vida sem murmuração e contendas? Qual é a receita para se portar de maneira irrepreensível e sincera? O que transforma alguém pervertido em filho de Deus? A resposta é: a preservação da palavra da vida.

Compactuo com o Pr. Hernandes Dias Lopes quando afirma que "a palavra de Deus é a palavra da vida porque proclama a verdadeira vida que se encontra em Cristo".[Nota 9]

A palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4.12). Ela é o que nos vivifica, santifica, transforma e renova. A perseverança na palavra nos ajudará a permanecer no caminho da salvação e também a proclamar esse caminho aos que nos cercam, pois, "se estivermos apegados ao evangelho, pregaremos o evangelho — porque sua mensagem de salvação contém seu próprio imperativo para proclamar essa mensagem".[Nota 10]

A preservação da palavra da vida nos preparará para um verdadeiro alinhamento entre discurso e ação.

Faça o que eu digo e o que eu faço

> Para que, no dia de Cristo, eu me glorie de que não corri em vão, nem me esforcei inutilmente. Entretanto, mesmo que seja eu oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, alegro-me e, com todos vós, me congratulo. Assim, vós também, pela mesma razão, alegrai-vos e congratulai-vos comigo.
>
> Filipenses 2.16b-18

Ninguém deseja se esforçar em vão. É por isso que qualquer tipo de desperdício, principalmente se tratando de tempo e dinheiro, corre o risco de ser combatido a ferro e fogo. O apóstolo finaliza a sua abordagem direta afirmando que a prática da imitação de

Cristo na vida dos filipenses demonstraria que os esforços dele no discipulado da igreja de Filipos valeram a pena, isto é, todo o seu trabalho e todo o seu tempo dedicado àquela igreja e aos irmãos que a frequentavam, seriam motivos de grande alegria. Em seguida, ele continua sua abordagem trazendo uma construção chocante.

Paulo, quando apresenta todas as características do imitador de Cristo, faz questão de não ficar só apontando o caminho, mas se candidata a também seguir os passos de Jesus, inclusive, morrendo por ele — o que seria um segundo motivo para se alegrar.

Ele estava disposto a ser oferecido por libação com alegria. Libação era o derramamento de um cálice de vinho junto da oferta do sacrifício. Nessa conjuntura, o sacrifício seria a fé dos filipenses demonstrada na imitação de Cristo.

Os irmãos de Filipos sacrificariam seus próprios desejos se esforçando em seguir os passos de Jesus, e Paulo sacrificaria a sua própria vida, com alegria e com o sentimento de dever cumprido, também colocando em prática aquilo que ensinara. Ele entendera que não basta ter um discurso bonito, mas, conforme uma frase icônica de Confúcio: "A palavra convence, mas o exemplo arrasta".

Paulo fora arrastado pelo exemplo de Jesus e agora estava também disposto a arrastar os cristãos de Filipos e de todas as demais cidades em que ele fora testemunha, por meio da sua entrega.

No entanto, o que mais choca é saber que ele estava disposto a se entregar com alegria e não qualquer alegria. Ralph Martin constata isso muito bem quando diz que "a morte, algo muito real diante dos seus olhos, é saudada com alegria solene, porque a obra do evangelho está adiantada, seja pelo próprio sacrifício de Paulo, seja pela koinonia dos filipenses, com ele, naquela obra".[Nota 11]

Para Paulo, morrer para que outros conhecessem a Cristo não significava perder, pois ele aprendera com Jesus que quem perder sua vida por amor a ele a encontrará (Mt 16.25). "Ele se considerava prisioneiro de Cristo, e não de César. Não eram os homens maus que estavam no controle da sua vida, mas a providência divina."[Nota 12]

Olhando para toda essa construção nos versículos 12 ao 18, podemos perceber que o objetivo do processo de desenvolvimento pelo qual passamos é justamente nos aperfeiçoar para colocar em prática o que Jesus nos ensinou por meio do seu exemplo.

Olhamos para Jesus e podemos pensar que imitá-lo é uma tarefa impossível, e realmente é. Nós jamais conseguiremos seguir os passos de Jesus com a nossa capacidade própria. Algo sobrenatural precisa acontecer em nós para que tenhamos condições de oferecer o mínimo.

Paulo, o imitador, nos mostra por meio do seu testemunho particular que, apesar das nossas limitações humanas, nós podemos extrair um sorriso do Pai celestial quando nos submetemos ao processo e nos esforçamos para colocar em prática o que a palavra de Deus nos ensina.

O alinhamento entre o que aprendemos na palavra de Deus e o que colocamos em prática é que vai refletir em nosso caráter, trazendo maturidade, santidade e perseverança dia após dia, provação após provação, de vitória em vitória, de glória em glória.

A imitação de Cristo não se baseia em ações esporádicas e sem propósito, mas em viver para e por Jesus todos os dias, até que ele venha!

Nota 1 - LEWIS, C. S. Cristianismo Puro e Simples. Tradução de Álvaro Opperman e Marcelo Brandão Cipolia. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 61. [Voltar]

Nota 2 - RATZINGER, Joseph. Jesus de Nazaré: A infância de Jesus. Tradução de Bruno Bastos Lins. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016, p. 66. [Voltar]

Nota 3 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 113. [Voltar]

Nota 4 - COSTA, Antônio Carlos. Lendo Filipenses: Um comentário para hoje. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 90. [Voltar]

Nota 5 - WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 100. [Voltar]

Nota 6 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 149. [Voltar]

Nota 7 - HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 497-498. [Voltar]

Nota 8 - COSTA, Antônio Carlos. Lendo Filipenses: Um comentário para hoje. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 95. [Voltar]

Nota 9 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 160. [Voltar]

Nota 10 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 121. [Voltar]

Nota 11 - MARTIN, Ralph P. Filipenses: Introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 121. [Voltar]

Nota 12 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 166. [Voltar]

7

Servos imperfeitos

Jesus é o nosso único exemplo perfeito de servo. Ao longo das escrituras, encontraremos outros exemplos, mas todos imperfeitos. Talvez até achemos personagens bíblicos notáveis como José, filho de Jacó, e Daniel, porém, mesmo a Bíblia não destacando seus defeitos e falhas, isso não quer dizer que eles fossem perfeitos.

No entanto, é preciso mencionar o esforço de alguns homens em se parecer com Jesus e imitar os seus passos. O próprio apóstolo Paulo demonstra uma coragem e uma autoridade muito grande quando diz aos irmãos da igreja de Corinto: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo"(1Co 11.1). Quem em sã consciência diria isso em nossos dias? Claro que não quero aqui duvidar das palavras de Paulo, pelo contrário, quero evidenciar que o velho apóstolo estava seguro de seus atos.

Vimos no capítulo anterior que Paulo estava engajado na missão de imitar Jesus, inclusive disposto a morrer pela causa do evangelho. Ele buscava, de todas as formas, não se esforçar inutilmente.

Às vezes teremos que tomar decisões difíceis, apesar de claras. Elas são difíceis porque consistem em "cortar na própria carne", isto é, abrir mão daquilo que nos faz bem para o bem de outros.

Se Paulo avaliasse que poderia estar no fim dos seus dias, certamente ele poderia querer ter por perto bons amigos e colaboradores. Se ele fosse egoísta e pensasse apenas nos seus interesses, ele não abriria mão da companhia deles, principalmente nos momentos mais difíceis.

Outrossim, o que vemos da parte do apóstolo em vários momentos é uma grande generosidade, deixando em segundo plano os seus próprios interesses e focando os interesses do reino. No relato do fim de sua vida, na segunda carta à Timóteo, por exemplo, ele afirma que enviou colaboradores a outras cidades, a fim de que a pregação do evangelho prevalecesse (2Tm 4.10-12).

Enquanto escreve a Filipos, a situação não é diferente. Ele abre mão da companhia de dois grandes homens de Deus, dois servos imperfeitos, homens piedosos que têm muito a nos ensinar.

É válido ressaltar que os dois personagens citados por Paulo não eram pessoas do alto escalão, como os apóstolos, mas gente como a gente, provando que até mesmo nós, pessoas comuns e limitadas, podemos ser usados por Deus de maneira notável. Wiersbe destaca muito bem a respeito:[Nota 1]

> Assim, Paulo apresenta dois "santos comuns", homens que não eram apóstolos nem realizavam grandes sinais e prodígios. Seu desejo é deixar claro que a atitude de submissão não é um luxo desfrutado apenas por uns poucos escolhidos, mas sim uma necessidade para que o cristão tenha alegria bem como uma oportunidade a

todos os convertidos.

Vejamos, então, as lições que Timóteo e Epafrodito têm a nos ensinar!

Timóteo — homem de caráter provado

> Espero, porém, no Senhor Jesus, mandar-vos Timóteo, o mais breve possível, a fim de que eu me sinta animado também, tendo conhecimento da vossa situação.
>
> Filipenses 2.19

> E conheceis o seu caráter provado, pois serviu ao evangelho junto comigo, como filho ao pai. Este, com efeito, é quem espero enviar, tão logo tenha eu visto a minha situação.
>
> Filipenses 2.22-23

A Bíblia nos apresenta Timóteo como um jovem tímido (2Tm 1.6-10) e doente (1Tm 5.23). Já na carta endereçada aos Filipenses, Paulo o apresenta como o melhor voluntário à disposição. Olhando para o mercado de trabalho, por exemplo, é difícil de se imaginar alguém com as credenciais de Timóteo sendo uma opção de liderança, o que dirá a melhor opção.

É importante frisar que o apóstolo está se referindo aos colaboradores disponíveis, isto é, outros homens de Deus também notáveis, responsáveis provavelmente estavam envolvidos em outras missões. De qualquer forma, ainda sobraria muita gente para trabalhar. Wiersbe endossa: "Por certo, havia centenas de cristãos em Roma (Paulo saúda 26 pelo nome em Rm 16); no entanto, nenhum deles se mostrou disposto a fazer essa viagem!".[Nota 2] É válido ressaltar que estamos falando de uma viagem muito longa, em que seriam percorridos milhares de quilômetros.

No versículo 23, Paulo enfatiza que Timóteo tinha o caráter provado, isto é, que ele era experimentado, de confiança, alguém diferente. Em Atos 16.1-2, quando o jovem é recrutado, o texto diz que "dele davam bom testemunho", isto é, o rapaz era mesmo especial. E como é bom ter pessoas especiais por perto!

Na minha experiência servindo ao ministério com os jovens, vi muitos deles questionarem a falta de oportunidades no ministério, o que continua acontecendo. Muitos murmuram porque ainda não chegaram aonde pensam que deveriam estar. Olham para os outros e começam a se comparar observando técnicas, conhecimento, dentre outras coisas, mas nem sempre observam um fator muito importante: o exemplo.

Quando falo de exemplo, cito não só o exemplo dentro da igreja, mas principalmente fora dela. O texto de Atos 16 diz que "davam bom testemunho de Timóteo", isto é, as pessoas da sua cidade, a sua família, os irmãos da igreja, todos falavam bem a respeito dele.

Será que hoje você poderia dizer o mesmo? Os seus familiares te indicariam para uma função de liderança? Os seus colegas da faculdade ou do trabalho o veriam como alguém irrepreensível para ser um influenciador? A(o) namorada(o) ficaria em paz sabendo que o(a) parceiro(a) agora é alguém que ministra no altar? Seu colega do futebol aceitaria receber uma oração sua? Sua vizinha ouviria um conselho seu sobre como tratar o

cônjuge, os pais ou os filhos?

No militarismo, chama-se de padrão aquele militar que faz as coisas do jeito certo, que serve de espelho para os demais. Será que você pode dizer que é um marido (esposa) padrão, um pai (mãe) padrão, um(a) filho(a) padrão, um(a) crente padrão, um funcionário(a) padrão, um aluno(a) padrão?

Se quisermos ser usados por Deus na continuidade da obra que já tem se desenrolado até aqui, na pregação do evangelho, precisamos entender que as nossas atitudes falarão muito mais alto que as nossas palavras. Como diria o escritor Ralph Waldo Emerson: "Suas atitudes falam tão alto que eu não consigo ouvir o que você diz".

Timóteo — o servo

> Porque a ninguém tenho de igual sentimento que, sincera-mente cuide dos vossos interesses.
>
> Filipenses 2.20

A segunda característica de Timóteo que eu gostaria de mencionar é outra raridade em nossos tempos: ele era servo. No versículo 20, Paulo ressalta que Timóteo era alguém que cuidava do interesse dos outros. Para isso, é necessário presença, estar perto, participar da vida dos outros. E essa era uma grande marca de Timóteo, como explana Lawson:[Nota 3]

> Timóteo tem as cicatrizes espirituais para provar sua graduação superior. Estava com Paulo quando o evangelho entrou pela primeira vez na Europa; estava lá quando a verdade chegou pela primeira vez a Filipos; e estava lá quando a confusão eclodiu e a multidão cercou Paulo, arrastando-o para a prisão. Timóteo estava presente quando o preço a pagar por fazer parte da equipe ministerial era muito alto.

A presença do jovem pastor era notável tanto na liderança quanto no apoio ao seu líder. No versículo 22 está escrito que ele serviu ao evangelho, junto com Paulo, como filho ao pai. "É digno de nota que Timóteo serviu ao evangelho. Ele serviu com Paulo, e não a Paulo. Embora a relação entre Paulo e Timóteo fosse de pai e filho, ambos estavam engajados no mesmo projeto."[Nota 4]

Em várias cartas do apóstolo, essa característica de Timóteo é destacada. Em Romanos 16.21, Timóteo é citado como cooperador. Em 1Coríntios 16.10, novamente ele é mencionado como alguém que "trabalha na obra do Senhor". E em Filipenses 1.1, como vimos no capítulo 1, ele é colocado em posição de igualdade a Paulo, sendo ambos "servos de Cristo Jesus".

Quero lembrar que o ministério é dado por Deus para a edificação da igreja, do corpo de Cristo, da família de Deus. Se você exerce sua atividade ou seu ministério com pesar, quero te dizer que Deus não está satisfeito com isso. Ele não quer que façamos nada por obrigação, mas por amor. Quando amamos e servimos ao nosso próximo, não só demonstramos o amor dele em nossas vidas como também correspondemos ao amor investido em nós na cruz do calvário.

Cuidar dos interesses dos outros é crucificar o eu, é considerar os outros superiores a si

mesmo (Fp 2.3). Dizer isso em tempos nos quais todos querem ser protagonistas chega a parecer loucura, não é mesmo? Mas, conforme também falamos anteriormente, foi Jesus quem disse e quem nos mostrou na prática que maior é o que serve a todos.

Cuidar dos interesses dos outros não é fácil, afinal, não somos iguais uns aos outros, temos gostos diferentes, objetivos diferentes e viemos de contextos diferentes. Porém, mesmo em meio à diversidade continuamos unidos no corpo de Cristo. Logo, se pertencemos ao mesmo corpo, não cuidar do outro é não cuidar de si mesmo.

Na equipe de voluntários do COMEPE, o congresso que tive o prazer de liderar por seis anos e atuar como voluntário por quinze, há dezenas de pessoas que amam servir e ali pude conhecer muitos Timóteos.

Eu poderia contar muitas qualidades e vários testemunhos sobre como Deus ministrou aos nossos corações por meio dos voluntários que trabalhamos juntos, porém, quero destacar um episódio em especial.

Nos cultos pela manhã, havia uma dificuldade de encontrar pessoas para auxiliar no recolhimento das ofertas, porque muitos estão em outras atividades, outros descansando e há também quem esteja aproveitando o momento para participar do culto, uma vez que nos cultos da noite há uma necessidade maior de voluntários.

Então, muitas vezes chamávamos quem a gente via na frente para ajudar a recolher a oferta. Numa dessas, entregamos uma das caixas que utilizávamos para recolher os envelopes a um jovem não muito conhecido por nós, um novato entre os voluntários.

Enquanto eu e um dos tesoureiros observávamos a atuação dos diáconos por um dia, aquele jovem começou a chorar copiosamente. Ficamos muito preocupados pensando que alguém teria falado algum absurdo para o rapaz ou que ele estivesse passando por um problema pessoal difícil.

Pouco tempo depois, quando ele entrou na tesouraria, gastamos um tempo o acalmando, até que ele nos contou o motivo do choro. Ele disse: "Quatro anos atrás eu estava lá dentro da igreja, sentado e admirando o trabalho dos voluntários do congresso. Hoje Deus me dá a honra de ser um de vocês." Como aquilo mexeu conosco naquele dia!

Em vez de questionar ou murmurar o fato de estar trabalhando enquanto muitos estavam sentados, sendo servidos, aquele jovem se alegrava em servir, em cuidar dos interesses dos outros.

Servir a Deus é uma grande honra, e fazemos isso servindo o nosso próximo. Se quisermos ser instrumentos de Deus dentro e fora da igreja precisamos aprender a servir, a se preocupar com o interesse dos outros, colocando os interesses de Cristo acima dos nossos, como veremos a seguir.

Timóteo — focado nos interesses de Cristo

> Pois todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus.
>
> Filipenses 2.21

No versículo 21, o apóstolo Paulo destaca a diferença de Timóteo em relação a outras pessoas, ele diz: "Pois todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus".

Não é segredo para ninguém que existem muitas pessoas mal-intencionadas, muitos

lobos ferozes como os relatados em Atos 20, muitos se imaginando donos da igreja do Senhor Jesus. Não são poucos aqueles que se envolvem com o ministério com as motivações erradas, talvez tentando ganhar dinheiro ou ter algum poder, talvez as duas coisas ou sabe-se lá o que mais.

Quando lemos "todos eles buscam o que é seu próprio", presume-se que Paulo esteja se referindo àqueles pregadores invejosos de Roma que o estavam difamando (1.15,17). Esses pregadores invejosos são o epítome do egocentrismo, a antíte-se de qualquer verdadeira humildade.[Nota 5]

Em Atos 18, Lucas, o escritor do livro, relata que Paulo chega em Corinto. Chegando lá, começa a trabalhar fabricando tendas (At 18.3). Ele trabalhava durante a semana e nos fins de semana pregava na sinagoga. No versículo 5 as coisas mudam, Silas e Timóteo chegam da Macedônia, e então o texto diz que a partir disso "Paulo se entregou totalmente à palavra".

Eu não sei se você conseguiu entender o ponto em que quero chegar, então serei mais claro. Paulo trabalhava para se sustentar, nada mais justo, não é mesmo? Porém, quando Silas e Timóteo chegaram à cidade, Paulo deixou de trabalhar e passou a se dedicar totalmente à pregação do Evangelho, enquanto os dois servos de Cristo trabalhavam para se sustentar e também sustentar a Paulo.

Quem não se atenta aos interesses de Cristo olha para essa cena e chama Paulo de folgado, aproveitador *etc*. Mas quem está focado nos interesses de Cristo percebe que Timóteo e Silas eram tão colaboradores da obra de Deus quanto Paulo.

Se você frequenta uma igreja, irá perceber o quanto há pessoas engajadas nos interesses de Cristo, pois, para que tudo corra bem em cada reunião, alguém terá que zelar, limpar, abrir a igreja, cuidar do som, organizar o estacionamento e tantas outras atividades que muitas vezes passam de forma despercebida.

É válido ressaltar que boa parte do serviço prestado na igreja é feito de forma voluntária, sem ganhos financeiros. No COMEPE, por exemplo, no período em que colaborei, éramos cerca de 200 voluntários a cada edição. Ninguém ganhando nada para estar ali, mas todos trabalhando transbordando de alegria.

Todos que trabalham na obra do Senhor servindo de coração, fazendo de bom grado, cuidam dos interesses de Cristo. O Pr. Hernandes Dias Lopes afirma que só existem dois estilos de vida: ou você está em Filipenses 2.21, vivendo e buscando os seus interesses, ou você está em Filipenses 1.21, dizendo que o viver é Cristo.[Nota 6] Não existe meio-termo! Ou você vive para você ou vive para Cristo!

Viver para Cristo é também saber discernir o tempo e o chamado dele para nós nos pequenos detalhes. A Bíblia não fala que Timóteo teve uma experiência pessoal com Jesus como Paulo teve quando foi chamado. Certamente a palavra de Deus o alcançou, mas de uma maneira diferente.

Hoje em dia, tem gente que não se move alegando que não ouviu Deus falar claramente, esperando que o céu se abra, o anjo apareça ou algum outro fenômeno pirotécnico ocorra. No entanto, a palavra de Deus é bem clara quando diz que nós fomos chamados para anunciar o evangelho — só não entende quem não quer.

Outro testemunho de que me lembro em relação aos servos, com quem trabalhamos juntos no COMEPE, é o de uma jovem que, ao ser convidada para participar da equipe de

voluntários, relatou: “Ano passado eu estive no congresso. Quando cheguei em um dos banheiros, vi muita sujeira. Logo pensei: ano que vem, nem que seja lavando o banheiro, eu estarei aqui servindo, trabalhando para o Senhor”.

Só quem tem os interesses de Cristo enxerga problemas como oportunidades. Só uma pessoa focada nos interesses de Cristo percebe o seu chamado olhando para um banheiro sujo. A jovem poderia sair dali brava, reclamando das condições do banheiro, fazendo alarde nas redes sociais, mas não, ela viu que o que faltava eram servos.

O que você tem visto na igreja onde você congrega? Problemas ou oportunidades? Deus quer te usar, mas para isso você precisa ter convicção de que a obra é verdadeiramente dele, e que o maior e o único interesse que interessa é o dele. Preocupar-se com a casa de Deus é ter os interesses dele. Cuidar dos irmãos é ter os interesses dele. Apoiar e honrar a liderança é cuidar dos interesses dele. Você está disposto a isso?

Não digo para olhar apenas para a igreja, mas também para a sua casa, o seu ambiente de trabalho, o seu círculo de amizades. Certamente, bem próximo de você há uma oportunidade de demonstrar que você se atenta aos interesses de Cristo, atendendo aos interesses dos outros.

É o que o nosso próximo personagem, Epafrodito, também tem a nos ensinar!

Epafrodito — irmão, cooperador e companheiro de lutas

> Julguei, todavia, necessário mandar até vós Epafrodito, por um lado, meu irmão, cooperador e companheiro de lutas.
>
> Filipenses 2.25

O nome Epafrodito significa “encantador” ou “amável”. E pelos relatos que vemos na carta aos Filipenses, poderíamos dizer que ele era o tipo de pessoa que a gente gosta de graça.

No versículo 25, Paulo apresenta três características desse homem piedoso, que representam o seu nível de afinidade e comprometimento com a obra de Deus e com o apóstolo. Epafrodito era de casa. Tudo indica que eles eram unidos pela fé, que se tratava de um cooperador que demonstrava a união no trabalho e que era companheiro de lutas, a união na batalha.[Nota 7]

Paulo o chamava de irmão, evidenciando sua inclinação e o seu alinhamento em servir o próximo. Não era uma mera referência a um membro qualquer da igreja, mas alguém que se comportava como verdadeiro irmão, alguém que sofria junto, comprava as brigas, cuidava das feridas.

O companheirismo de Epafrodito fazia dele um cooperador, alguém notável e importante na proclamação do evangelho e no sustento do apóstolo dos gentios. Certamente arriscou sua vida para se encontrar com o irmão Paulo, quando também levou a oferta da igreja e passou um tempo com o seu discipulador.

Muitas vezes, quando falamos de missões transculturais, por exemplo, tendemos a pensar que os missionários que estão distantes precisam apenas de sustento financeiro, alimentos e demais recursos que o dinheiro pode resolver. No entanto, há também uma demanda social e emocional que precisa ser suprida.Uma pessoa que está do outro lado

do mundo, cercada de pessoas de uma outra cultura e fé, também precisa de alguém com interesses em comum para conversar, orar, rir e até chorar junto.

São poucos os amigos e irmãos com quem podemos contar nos dias difíceis. Paulo tinha um companheiro de lutas, Epafrodito. E isso nos leva a pensar em nós, não na perspectiva de Paulo, porque isso é muito fácil. Chorar, reclamar, lamentar a solidão é algo natural. Fazemos sem muito esforço.

A questão que precisa ser levantada é: será que somos o Epafrodito de alguém? Se alguém que você chama de irmão um dia passar por uma situação difícil, precisar de um socorro, de um ombro amigo, será que você será acionado(a)? Será que está claro para as pessoas que você diz amar que elas podem contar contigo?

Que Deus nos ajude para que sim, para que estejamos prontos a batalhar junto com os que nos cercam e auxiliar em suas necessidades!

Epafrodito — mensageiro e auxiliar nas necessidades

> E, por outro, vosso mensageiro e vosso auxiliar nas minhas necessidades.
>
> Filipenses 2.25b

Epafrodito era um dos principais elos entre Paulo e a igreja de Filipos. Muito do que Paulo escrevera foi baseado nos relatos do mensageiro filipense. Em seu retorno, fora ele também quem levara a carta de Paulo à igreja.

Para tal função, era necessário haver confiança dos dois lados. Os líderes da igreja não enviariam alguém que pudesse minar a relação entre o pai na fé e sua filha amada. Semelhantemente, Paulo não confiaria os preciosos ensinamentos e testemunhos a qualquer um.

A prova de que Epafrodito era de confiança certamente se deu pela sua fidelidade no serviço da igreja e da sua liderança, na pessoa do apóstolo. Ele era um auxiliar nas necessidades, isto é, alguém interessado em contribuir no suprimento daquilo que faltara, mesmo num cenário não tão colaborativo de saúde, como veremos mais adiante.

"Epafrodito foi enviado tanto para levar uma oferta quanto também para ser uma oferta dos filipenses a Paulo."[Nota 8] Enquanto mensageiro, ele traria a oferta e voltaria com a carta do apóstolo. Enquanto auxiliar nas necessidades, podemos pensar num aspecto mais geral. Qual era a necessidade de Paulo naqueles dias? Seria alguém para ajudar nas tarefas de casa? Seria alguém para auxiliar Timóteo no serviço de campo na cidade de Roma? Seria algo mais burocrático ou mais prático? Não importa! Epafrodito estava ali para servir.

No dia a dia na igreja, em casa, no trabalho, nos estudos há uma demanda grandiosa de atividades a serem realizadas. Há atividades desenvolvidas individualmente, mas há muitas que podem ou devem ser desenvolvidas por mais de uma pessoa. E é aí que entra a figura do servo. "O crente é um sacerdote que ministra um culto a Deus enquanto atende às necessidades dos outros."[Nota 9]

Algumas ações costumam ser mais concorridas do que outras, entretanto, todas precisam de uma devida atenção. Ajudar na cozinha, por exemplo, é mais divertido ou agradável do que num banheiro. Para alguns, atuar com crianças seria um imenso prazer,

enquanto para outros seria um grande fardo. Há quem se identifique e tenha dons para servir no louvor da igreja e há quem prefira e seja capaz para estar numa sala de aula. Há quem procure atividades que movimentam muita gente e há pessoas mais reservadas. No fim das contas, o que importa não é o que se faz, mas como se faz e por que se faz, tudo isso sem deixar de discernir se a demanda apontada pelo Senhor está sendo suprida.

Nesse sentido, tomo emprestadas as palavras de Lawson:[Nota 10] "Nosso ministério deve ser realizado não apenas com as mãos, mas também com o coração. Devemos estar emocionalmente conectados em nosso serviço para o Senhor. Devemos procurar sentir com eles e por eles".

Epafrodito, como mensageiro e auxiliar nas necessidades, demonstrava estar envolvido em ação e coração, ensinando que a arte de servir se baseia na entrega movida pela compaixão, como veremos a seguir.

Epafrodito — o servo compassivo

> Visto que ele tinha saudade de todos vós e estava angustiado porque ouvistes que adoeceu. Com efeito, adoeceu mortalmente; Deus, porém, se compadeceu dele e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza. Por isso, tanto mais me apresso em mandá-lo, para que, vendo-o novamente, vos alegreis, e eu tenho menos tristeza. Recebei-o, pois, no Senhor, com toda a alegria, e honrai sempre a homens como esse; visto que, por causa da obra de Cristo, chegou ele às portas da morte e se dispôs a dar a própria vida, para suprir a vossa carência de socorro para comigo.
>
> Filipenses 2.26-30

Você deve conhecer alguém que diz não gostar de incomodar, o tipo de pessoa que diz que "não gosta de dar trabalho para os outros". O texto acima nos dá essa impressão de Epafrodito. Ele gostava tanto de servir que ficava angustiado em ficar preocupando outras pessoas.

Seria cômico se não fosse trágico dizer que aquele que fora para cuidar precisou ser cuidado, aquele que fora para servir em um determinado momento precisou ser servido. E essa é uma das formas que o Senhor trabalha em nossas vidas, transformando a nossa força em fraqueza e compensando a nossa fraqueza com o seu grande poder.

Dr. Shedd explana a respeito da gravidade e o possível motivo da situação de Epafrodito:[Nota 11]

> No primeiro século, o perigo de germes e micróbios, de febres provocadas pelas águas poluídas, alimentos perigosos, antes das descobertas científicas que nos capacitam a tomar as medidas de precaução, eram frequentes. Viajar significava inevitavelmente enfrentar o perigo de doenças como tifo, cólera, malária e muitas outras doenças, sem qualquer tratamento eficaz. Paulo reconhece a disposição de Epafrodito em "apostar sua vida" da mesma maneira que ele costumava fazer. Por isso, mereceu o título de "companheiro de batalha", pois o incentivo foi servir a Cristo, beneficiando o apóstolo.

A enfermidade de Epafrodito tirou a paz de Paulo e certamente levou ele e a igreja a clamarem. Esse acontecimento nos mostra que até mesmo as pessoas piedosas, engajadas na obra de Deus, podem passar por provações. Por que digo isso? Porque não é de hoje que temos visto pregadores dizerem que as provações são brechas dadas a Satanás ou puramente consequência de pecados, às vezes ocultos.

A boa notícia é que Deus teve misericórdia de Epafrodito, de Paulo, e por que não da igreja de Filipos, restaurando a saúde do mensageiro. Assim como o apóstolo retratou anteriormente, quando falou do dilema entre morrer e viver (vimos isso no capítulo 3), não há dúvidas de que o Senhor prolongou os anos de vida de Epafrodito para que ele pudesse continuar servindo.

Após a turbulência, a instrução agora é quanto à celebração. Todos deviam se alegrar com a cura do querido irmão. A gratidão e a alegria deveriam ser demonstradas por meio da honra. Apesar do reconhecimento de que a glória é Deus, gosto da ênfase dada por Wiersbe:[Nota 12] "Cristo recebe a glória, mas não há nada de errado em um servo receber honra".

Os servos compassivos, capazes de servir até a morte, realmente precisam ser valorizados, cuidados, festejados quando em sua companhia. E é exatamente essa postura que Paulo incentivara aos irmãos filipenses quando o receberam novamente em casa.

Finalizo esta seção chamando sua atenção quanto ao cuidado com aqueles que têm nos servido até aqui. É maravilhoso ver as homenagens prestadas aos que deixaram um legado e que foram importantes em nossas vidas. Entretanto, não podemos ser tardios para esse reconhecimento e honra. Precisamos honrar em vida aqueles que nos abençoam.

Comemorações como Dia dos Pais, Dia das Mães e datas semelhantes certamente existem por uma questão comercial, e também como um pretexto para lembrar daqueles que precisam ser valorizados. Todavia, o servo de Cristo Jesus não se prende a datas comemorativas, mas procura demonstrar honra sempre que necessário.

Será que hoje você teria alguém para quem poderia fazer um telefonema, enviar uma mensagem, ou quem sabe presentear, demonstrando amor, gratidão e alegria por tudo que tal pessoa já lhe proporcionou? Se sim, não seja tardio em demonstrar honra a quem merece honra.

Nota 1 - WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 104. [Voltar]
Nota 2 - Idem, p. 105. [Voltar]
Nota 3 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 129-130. [Voltar]
Nota 4 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 172. [Voltar]
Nota 5 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 128. [Voltar]
Nota 6 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 171. [Voltar]
Nota 7 - HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 513. [Voltar]
Nota 8 - Idem, p. 514. [Voltar]
Nota 9 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 174. [Voltar]
Nota 10 - LAWSON, Steven J. Filipenses para você. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 139. [Voltar]
Nota 11 - SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 159. [Voltar]
Nota 12 - WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 107. [Voltar]

Considerações finais

Ao longo dos dois primeiros capítulos da carta aos Filipenses, autor e remetente interagem constantemente na arte de servir. Ambos possuem uma inspiração: o próprio Jesus.

Paulo é convincente em sua abordagem, justamente porque se esforçava em fazer com que suas palavras fossem também carregadas de carne e sangue, isto é, de um testemunho vivo e humano. Ele também é muito feliz testemunhando sobre outros servos como Epafrodito e Timóteo.

O testemunho se torna vivo quando o próprio apóstolo dá passos para trás, visando o bem-estar dos outros. Os outros poderiam ser a igreja de Filipos e o seu representante presente, Epafrodito. E ele demonstrava essa postura quando abria mão da companhia do último, além de seu escudeiro, Timóteo, como bem destaca o Pr. Hernandes Dias Lopes: [Nota 1]

> O julgamento de Paulo se aproximava. Alguns já o haviam abandonado. Estavam ainda com ele Timóteo e Epafrodito. O que ele está pensando em fazer? O que Paulo está pensando acerca dos dias sombrios que precederão a sua execução? Sobre si mesmo? Sobre seu futuro? Não! Ele está pensando nas necessidades de seus irmãos e está pronto a sacrificar seus próprios interesses para enviar a eles seus dois grandes colaboradores.

E essa não é a primeira vez que ele age de maneira desinteresseira e compassiva. Onde já se viu um preso abençoar quem está livre? Onde já se viu um preso contribuir para o crescimento e a salvação dos guardas que o guardavam? Eu respondo: em Roma, por volta do ano 60 d.C.

Mas eu te digo também por que isso aconteceu: três décadas antes, Jesus, o Deus Todo-Poderoso, deixou sua majestade, se fez homem, serviu a todos ao seu redor até a morte, morrendo da forma mais cruel possível no lugar de quem realmente merecia.

Ele pagou o preço que era para ser pago por mim e você. Ele fez questão de servir quem não merecia, ou melhor, ele serviu os culpados da sua morte e sofrimento, para que depois esses culpados não fossem mais culpados, mas servos capazes de servir a todos pela graça, mediante a fé.

É assim que a arte de servir perdura até hoje e se tornará perfeita na eternidade. Nós olhamos para Jesus e o seu grandioso exemplo, cremos nele e nos esforçamos para servi-lo, servindo quem estiver ao nosso redor. Em troco de quê? De nada, pois já recebemos muito mais do que merecíamos na cruz do calvário.

Contemplemos, portanto, o Maior Artista da história, Jesus Cristo, e sua obra imensurável!

> [...] para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.

Filipenses 2.10-11

Nota 1 - LOPES, Hernandes Dias. Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 179. [Voltar]

Notas

Introdução

1 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 12.

2 Idem, p. 17.

3 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 79-82.

4 JONES, Martyn LLoyd. *A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses*. vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 10.

Capítulo 1

1 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 21.

2 HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 404.

3 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 21-22.

4 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 88.

5 JONES, Martyn LLoyd. *A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses*. vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 16.

6 JONES, Martyn LLoyd. *A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses*. vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 26.

7 HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 410.

8 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 30.

Capítulo 2

1 CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 361.

2 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 35.

3 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 58.

4 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 92.

5 HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 416.

6 JONES, Martyn LLoyd. *A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses*. vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 37.

7 Idem, p. 42.

8 HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 418.

9 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 39.

10 JONES, Martyn LLoyd. *A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses*. vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 51.

11 WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Wiersbe Novo Testamento*. Tradução de Regina Aranha. Rio de Janeiro: Geográfica Editora, 2008, p. 602.

12 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 43.

13 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 104.

14 HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 426.

Capítulo 3

1 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 107.

2 COSTA, Antônio Carlos. *Lendo Filipenses: Um comentário para hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 51.

3 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 60.

4 COSTA, Antônio Carlos. *Lendo Filipenses: Um comentário para hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 60.

5 JONES, Martyn LLoyd. *A vida de alegria: Comentário sobre Filipenses*. vol.1. São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2008, p. 103.

6 WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 88.

Capítulo 4

1 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 97.

2 MARTIN, Ralph P. *Filipenses: Introdução e comentário*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 95.

3 DULCI, Pedro Lucas; CASSIANO, Rafael Balestra. *Movimente-se — O Movimento Mosaico: Inspirando na relação e transpirando na transformação*. Uberlândia: Sal Editora, 2015, p. 23, 24.

4 MARTIN, Ralph P. *Filipenses: Introdução e comentário*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 97.

5 COSTA, Antônio Carlos. *Lendo Filipenses: Um comentário para hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 71.

6 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 124.

7 MACARTHUR, John. *The MacArthur New Testament commen-tary*. Chicago: Moody, 2001.

8 MACARTHUR, John. *The MacArthur New Testament commen-tary*. Chicago: Moody, 2001.

9 HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 467.

10 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 126.

11 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 113.

12 Idem.

13 WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 94.

14 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 128.

15 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 99.

16 HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 470.

Capítulo 5

1 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 131.

2 ORTLUND, Dane C.. *Manso e humilde: O coração de Cristo para quem peca e para quem sofre*. Tradução de Guilherme Cordeiro Pires. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 138.

3 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 122-123.

4 WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 95.

5 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 128.

6 YANCEY, Philip. *O Jesus que eu nunca conheci*. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: Editora Vida, 2004, p. 33.

7 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 106.

8 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão:Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 138.

9 WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 97.

10 MARTIN, Ralph P. *Filipenses: Introdução e comentário*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 95.

11 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 106.

12 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 138.

Capítulo 6

1 LEWIS, C. S. *Cristianismo Puro e Simples*. Tradução de Álvaro Opperman e Marcelo Brandão Cipolia. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 61.

2 RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: A infância de Jesus*. Tradução de Bruno Bastos Lins. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016, p. 66.

3 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 113.

4 COSTA, Antônio Carlos. *Lendo Filipenses: Um comentário para hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 90.

5 WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 100.

6 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 149.

7 HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 497-498.

8 COSTA, Antônio Carlos. *Lendo Filipenses: Um comentário para hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 95.

9 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 160.

10 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 121.

11 MARTIN, Ralph P. *Filipenses: Introdução e comentário*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 121.

12 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 166.

Capítulo 7

1 WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 104.

2 Idem, p. 105.

3 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 129-130.

4 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 172.

5 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 128.

6 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 171.

7 HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição dos livros de Efésios e Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 513.

8 Idem, p. 514.

9 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 174.

10 LAWSON, Steven J. *Filipenses para você*. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 139.

11 SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. *Epístolas da prisão: Uma análise de*

Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 159.

12 WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico expositivo: Novo Testamento*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006, p. 107.

Considerações finais

1 LOPES, Hernandes Dias. *Filipenses: A alegria triunfante no meio das provas*. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 179.

Sobre o autor

Eberson Diniz Correa é pastor na Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Anápolis no bairro Dom Pedro II, em Anápolis (GO). Bacharel em Ciência da Computação e bacharelando em Teologia. Eberson é autor de outros dois livros: *Decisões* e *Vida.com*. É casado com a Sara e pai de Rebeca e Asafe.

Anotações

Publique seu livro no Brasil e no exterior
godbooks.com.br/publique-seu-livro

Adquira nossos livros impressos em 190 países
godbooks.com.br/onde-encontrar

Fale conosco

aprisco@godbooks.com.br

